UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JAINE CAROLINE ALVES CORDEIRO

GÊNEROS TEXTUAIS E ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: SELEÇÃO E REFLEXÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

MONTEIRO – PB
2016

JAINE CAROLINE ALVES CORDEIRO

GÊNEROS TEXTUAIS E ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: SELEÇÃO E REFLEXÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

Monografia apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa, do *Campus* VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, sob orientação do Prof. Jackson Cícero França Barbosa.

MONTEIRO – PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C794g Cordeiro, Jaine Caroline Alves.
Gêneros textuais e abordagem da variação linguística [manuscrito] : seleção e reflexão no livro didático de português / Jaine Caroline Alves Cordeiro. - 2016.
66 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS PORTUGUÊS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Jackson Cícero França Barbosa, Departamento de Letras".

1. Variação linguística. 2. Livro didático. 3. Língua materna. 4. Ensino da língua portuguesa. I. Título.
21. ed. CDD 371.32

JAINE CAROLINE ALVES CORDEIRO

GÊNEROS TEXTUAIS E ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: SELEÇÃO E REFLEXÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

Monografia apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa, do *Campus* VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, sob orientação do Prof. Jackson Cícero França Barbosa.

APROVADO EM 30/05/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jackson Cícero França Barbosa (UEPB)

Francicleide Liberato Santos.

Prof.ª. Me. Francicleide Liberato Santos (UEPB)

Josefa Adriana Gregório de Souza

Prof.ª. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Ao final de todo caminho percorrido, é importante que tenhamos a consciência de agradecer àquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a finalização do trajeto mais importante de nossas vidas. É necessário que olhemos para trás e vejamos o quanto aprendemos e evoluímos desde os primeiros passos dados até o fechamento da jornada.

Agradeço, primeiramente, a Deus, que em sua infinita bondade não me deixou falhar em meio a tantas dificuldades surgidas, iluminando meus pensamentos e abrindo janelas sempre quando algumas portas se fechavam, me proporcionando esperanças contínuas de uma vitória prazerosa.

Agradeço aos meus queridos pais: Josefa Luíza Alves Cordeiro e José Roberto Cordeiro da Silva, que em nenhum momento me deixaram desistir e como sempre me encorajaram a lutar com garra e determinação na busca de meus objetivos, e em especial à minha tão amada mãe por agir em minha vida como um anjo enviado por Deus em forma de mulher, uma vez que como sempre penso, Deus não me escolheu para ser sua filha, mas sim escolheu ela de uma forma muito sublime para ser meu maior presente, minha mãe.

Agradeço, ainda, às minhas queridas irmãs Jaqueline Alves Cordeiro, Maria Janaina Alves Cordeiro, que sempre torceram em favor de meu sucesso, e aos meus irmãos Wedson Alves Cordeiro e Wellington Alves Cordeiro.

Agradeço às minhas amigas Thamires Melo, Luana Cordeiro, Ridayane Melo, Joseane Ferreira e Rosana Gondin as quais foram capazes de fazer com que as responsabilidades da vida não se tornassem tão pesadas em meio a caminhada, me arrancando um sorriso ou até mesmo uma boa gargalhada quando o que eu mais precisava era dessa leveza de espírito, proporcionada, unicamente, por boas e verdadeiras amizades.

Não poderia deixar de deixar meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Jackson Cícero, que, embora tenhamos enfrentado alguns momentos de tensão quanto a realização deste trabalho, funcionou com um dos grandes responsáveis para que o sonho de ter em mãos o diploma de graduada em Letras-Português se tornasse realidade.

Enfim, de uma forma geral, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o avanço de mais um degrau na escada da vida.

RESUMO

As variações linguísticas possuem um papel importantíssimo neste processo de mudança, tendo em vista que é a partir dessas diversidades que novas palavras ou expressões surgem, podendo estas serem consideradas, dependendo do seu grau de expansão, pertencentes próprias de uma determinada língua. É válido salientar que o ensino sobre variação linguística, nas escolas brasileiras, deve buscar apresentar esta temática cautelosamente, uma vez que os atuais PCN reforçam a necessidade da não reprodução do preconceito linguístico nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa (de agora em diante LDP). Neste contexto surge à necessidade de se desenvolver uma análise de como o ensino de variação linguística está sendo abordado nas escolas e, mais propriamente, nos LDP. Para isto utilizamos como objeto de análise o livro "Ser Protagonista" elaborado por Ricardo Gonçalves Barreto, nos três níveis do ensino médio, focalizando as seções que apresentam como temática o trabalho com a variação da linguagem. É interessante destacar que o livro aqui analisado corresponde ao manual escolhido para o trabalho com o Ensino Inovador Integral (EII) na Escola Estadual de Ensino Médio José Leite de Souza em monteiro-PB, ensino este que objetiva propor uma abordagem compatível com as tendências teóricas da contemporaneidade. O presente trabalho remete a uma pesquisa de caráter exploratório, descritivo e analítico, constituindo-se de três capítulos, sendo o primeiro voltado para uma análise da "variação linguística e o ensino de língua materna" relacionando questões voltadas ao estudo da sociolinguística no Brasil. Já o segundo capítulo intitulado como: "variação e o livro didático de português" apresenta uma reflexão acerca das propostas lançadas nos Documentos Parametrizadores Educacionais, no que concerne à temática aqui discutida. Por fim, o terceiro e último capítulo possuindo como título: "O texto no livro didático e as seções de variação" aponta discussões acerca da aprendizagem sobre variação no ensino médio brasileiro, bem como a importância do estudo dos gêneros textuais em sala de aula. Para fundamentar esta pesquisa, utilizamos como suporte teórico as reflexões de alguns autores da língua, tais como Bakhtin (1997), Barbosa (2011), Bagno (2007), Dionísio (2005), Koch (2011), Travaglia (1996), Brasil (1997), Possenti (1996), entre vários outros estudiosos da área. O principal objetivo aqui traçado está diretamente ligado a necessidade de se desenvolver pesquisas que valorizem a aprovação de um modelo de LDP que apresente uma coerente seleção de textos, no que concerne ao ensino de variação linguística, buscando, desse modo, viabilizar a ampliação dos conhecimentos linguísticos do aluno, bem como de suas habilidades frente às práticas de leitura, escrita e oralidade, para que este, ao utilizar-se dos saberes aqui discutidos, seja capaz de alcançar seu próprio desenvolvimento profissional e de contribuir ativamente para o desenvolvimento da sociedade que o rege.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Livro Didático. Língua Materna. Ensino.

ABSTRACT

The linguistic variations have an important role in this process of change, considering that it is from these diversities that new words or expressions arise, these may be considered, depending on their degree of expansion, themselves belonging to a particular language. It's worth noting that the teaching of language variation in Brazilian schools, should seek to present this issue cautiously, since the current NCPs underscore the need for not playing the linguistic bias in textbooks of English language (hereinafter LDP). In this context arises the need to develop an analysis of how the linguistic variation education is being addressed in schools and, more specifically, in LDPs. For this use as the object of analysis the book "Being Protagonist" prepared by Ricardo Gonçalves Barreto, the three high school levels, focusing on the sections that present as a theme to work with the change of language. It is interesting to note that the book analyzed here corresponds to the manual chosen to work with Innovative Education Integral (EII) at the State School School only José Leite de Souza in Monteiro-PB, teaching this that aims to propose a consistent approach with the theoretical trends contemporaneity. his work refers to an exploratory research, descriptive and analytical, being three chapters, the first focused on an analysis of "linguistic variation and the mother tongue teaching" relating questions related to the study of sociolinguistics in Brazil. The second chapter titled "variation and textbook Portuguese" presents a reflection about the proposals set out in Document Parametrizadores Educational, regarding the topic discussed here. Finally, the third and last chapter having as title: "The text in the textbook and the variation sections" points discussions about learning about changes in the Brazilian high school, and the importance of the study of genres. To support this research, we used as theoretical support the reflections of some language authors such as Bakhtin (1997), Barbosa (2011), Bagno (2007), Dionysius (2005), Koch (2011), Travaglia (1996), Brazil (1997), Possenti (1996), among many other scholars in the field. The main goal here stroke is directly linked to the need to develop research highlighting the approval of a model of LDP to present a coherent selection of texts concerning the linguistic variation teaching, seeking thereby enabling the expansion of knowledge language of the student, as well as their forward skills to reading practices, writing and speaking skills, for this, to be used from here discussed knowledge, be able to achieve their own professional development and actively contribute to the development of society the rules.

KEYWORDS: Linguistic. Variation. Textbook. Mother tongue. Teaching.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS_____09

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA_____12 1.1. Revisão das teorias de variação atreladas ao campo da sociolinguística_____14

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS_____17 2.1. Documentos parametrizadores e a abordagem da variação linguística_____18

3. O TEXTO NO LIVRO DIDÁTICO E AS SEÇÕES DE VARIAÇÃO_____21

3.1. Critérios de análise e reflexão do livro didático de português " ser protagonista" quanto ao trabalho com a variação_____23

CONSIDERAÇÕES FINAIS_____ 26

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____29

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, ser professor no Brasil abarca uma série de desafios a serem enfrentados pelo docente, pois, muitas vezes lhe faltam subsídios que o ajude a melhorar a prática pedagógica. No que concerne ao Livro Didático, compreendido como um manual que pode ser seguido por professores e alunos, este constitui-se, geralmente, como único material de apoio ao ensino/aprendizagem, passando a "ditar" o que deve ser objeto de estudo em cada etapa escolar, se distanciando, por vezes, da realidade dos discentes.

Assim, quando pensamos nas questões que envolvem os conteúdos apresentados nos livros didáticos e as vinculamos com o ensino de Língua Portuguesa, tudo fica ainda mais preocupante, uma vez que a diversidade do alunado escolar parece não ser o objeto mais relevante a ser contemplado nesse material, nos levando a questionar se a forma de abordagem sobre estudos em torno das variedades linguísticas é eficaz.

Tendo em vista que o ensino, sobretudo de Língua Portuguesa, visa desenvolver e ampliar as habilidades comunicativas do discente a fim de que este possa falar/ouvir, ler/escrever de forma mais competente, tornando-se sujeito ativo e participativo das práticas sociais, faz-se necessário que o ensino proporcione aos alunos o contato com os mais diversos gêneros textuais, em que os variados usos da linguagem sejam abordados. Entendemos, pois, que é preciso enxergar a língua como parte integrante da cultura de cada indivíduo, meio pelo qual este interage socialmente. Desse modo, acreditamos que a promoção de situações em que os diferentes tipos de linguagens sejam vistos de uma forma contextualizada e funcional, conduzirá o discente a perceber e concluir que fatores levam o sujeito a expressar-se "deste" ou "daquele modo". Contudo, isso implica na adoção de materiais adequados que viabilizem o trabalho docente, visando priorizar o desenvolvimento do conhecimento linguístico do aluno.

Para fundamentar a presente pesquisa nos baseamos nas reflexões de alguns autores, dentre eles, Bakhtin (1997), Barbosa (2011), Bagno (2007), Dionísio (2005), Koch (2011), Travaglia (1996), Possenti (1996), Mattos e Silva (1997), Mollica e Braga (2003) dentre vários outros estudiosos. As teorias utilizadas contribuíram de forma relevante no desenvolvimento desta pesquisa e análise, tendo

em vista a perceptível influência que estas reflexões tiveram em meio a discussões sobre o estudo da língua.

Pensando nisso, dentro do cotidiano escolar, surgiu o interesse por estudar os gêneros textuais e a abordagem da variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, a fim de que as propostas do trabalho pedagógico que prima o envolvimento contextualizado da linguagem perante o seu funcionamento, seja efetivamente adotado nas aulas de língua portuguesa nas escolas brasileiras, promovendo, desse modo, um real entendimento, por parte do alunado, do que seja a língua e suas variedades, sendo este capaz de distinguir o que deve ser considerado certo ou errado dentro da linguagem e sabendo, sobretudo, utilizar-se desta corretamente em seus mais diversos usos.

O livro “Ser Protagonista”, objeto de análise do nosso estudo, é uma obra coletiva concebida, desenvolvida, e produzida por Edições SM, na responsabilidade do editor Rogério de Araújo Ramos, a qual foi selecionada pela E.E.E.M José Leite de Souza, da cidade de Monteiro – PB, para servir como aparato metodológico as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio inovador, no ano de 2015.

A escolha deste livro se deu devido a sua amplitude quanto à presença dos mais variados gêneros textuais, em sua proposta de trabalho com as séries que compõem o ensino médio, uma vez que, atualmente, o trabalho com os gêneros textuais apresenta-se de forma necessária no ensino, por promover aos alunos o contato com modelos de texto que abarcam, demasiadamente, a presença uma extensa riqueza quanto as questões que envolvem as variações na linguagem.

Acreditamos que pesquisas contemplando essa temática são essenciais para o avanço nos livros didáticos, apresentando propostas que abarquem os usos e a reflexão da língua, levando, pois, o aluno a entender as transitórias mudanças linguísticas advindas da evolução cultural/social.

Para contemplar as discussões indiciadas, este trabalho é composto de três seções, a primeira voltada para uma análise da “variação linguística e o ensino de língua materna”, que relaciona questões sobre o estudo da Sociolinguística no Brasil. A segunda seção intitulada “variação e o livro didático de português” apresenta uma reflexão acerca das propostas lançadas nos Documentos Parametrizadores Educacionais, no que concerne à temática aqui discutida. Por fim, a terceira e última seção inclui análises e reflexões voltadas à análise, sob o título de “O texto no livro didático e as seções de variação”, apresentando discussões acerca

da aprendizagem sobre variação dentro dos gêneros textuais selecionados nas seções que abordam a temática em relevo.

No desenvolvimento deste trabalho, quanto aos seus objetivos, adotamos a pesquisa de caráter exploratório e explicativo já que esta "se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação e um determinado fenômeno que é pouco explorado" (Cf. GONSALVES, 2007, p.67).

Buscaremos respostas na coleção de português "Ser Protagonista" a qual está dividida em três manuais, cada um referente a uma das séries do ensino médio, à luz das teorias sobre linguística e sociolinguística, bem como de documentos oficiais de educação como PCN e PNLD. Os objetivos a serem alcançados e que nortearão esta pesquisa estarão voltados para os seguintes questionamentos: "Os textos usados para abordar a variação são manifestações autenticas da nossa realidade linguística? " "Há uma conexão entre o que é apresentado na parte teórica sobre variação e as propostas de atividades nos LDP"? "Os manuais apontam para o uso das novas diretrizes estabelecidas pelo estudo da variação linguística? " "Há uma relação fonético-fonológica com aspectos diatópicos estudados no ramo da variação Diatópica? " "Diagenérica, Diafásica, Diastrática, O tratamento da variação se limita a algum tipo? Por quê? "

A fim de destacar como se darão as construções teóricas que envolvem os estudos da variação linguística, analisaremos separadamente cada um dos módulos do livro didático do ensino médio "Ser Protagonista", adotado na escola estadual José Leite de Souza do município de Monteiro-PB, nos seus três níveis. Cada livro engloba em suas partes constitutivas três principais competências a serem desenvolvidas, sendo a 1ª competência: "Linguagem: ser no mundo e com o outro"; 2ª competência: "Literatura: autonomia e competência expressiva" e 3ª competência: "Produção de texto: construindo os gêneros".

Nossa proposta verificou índices tímidos de correspondência temática ao propósito investigado, como abordaremos na seção de desfecho deste trabalho monográfico, abordando propostas e alternativas para que o ensino de língua portuguesa seja eficaz ao tratar dos aspectos relevantes para educação linguística.

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Toda sociedade possui a sua gramática, sendo esta internalizada pelos falantes que compreendem como se organiza o sistema linguístico, apreendida gradativamente. No entanto, ao que parece, essa gramática internalizada pelo indivíduo passou a ser ignorada e substituída por outra, a que conhecemos como gramática normativa ou norma culta. Sabemos que, a língua não é estática, uniforme, é passiva de mudanças, seja cultural ou temporal, o que implica nas diferentes formas dos falantes se comunicarem, a chamada variação linguística. Nas palavras de Alkimim (2003, p.40) “a visão de norma culta da gramática tradicional é apresentada à sociedade como única expressão da língua e que, reflete um ideal de padronização”.

Travaglia (1997) nos mostra que existem dois tipos de variedade linguística, a primeira diz respeito aos Dialetos, os quais consistem nas variadas formas das pessoas utilizarem a língua, podendo ocorrer em seis dimensões, seja social, territorial, de sexo, idade, de geração e função profissional, a segunda variedade é a de Registros, que surge do uso que se faz da língua conforme a situação em que o usuário e o interlocutor estão envolvidos, ocorrendo em três dimensões: grau de formalidade (formal/informal) modo e sintonia (de acordo com tecnicidade, cortesia).

No entanto, Paquete (2001) define registro como um conjunto mais ou menos complexo de contingência extra, para ou não linguística. Partindo desta definição de registro, os termos “cultos e não cultos” não se sustentariam como termo algo verdadeiro e absoluto, pois estaria na dependência da situação e/ou do contexto que se insere o discurso. Assim, um falante que se utiliza da língua padrão pode expressar-se de modo não culto, a depender do contexto ou do interlocutor. Cada registro seria uma variação a depender do processo de normalização que o caracteriza em formal ou livre.

Em se tratando de norma dentro da língua, Mattos e Silva (1997) nos apresenta o conceito de Normas, em duas distinções: as normativas- prescritivas que é vista como um conceito tradicional, onde, é escolhida uma variante da língua como modelo a ser seguido e, normas “normais ou sociais” sendo regras que definem grupos sociais que constituem a rede social de uma determinada

sociedade, isto é, elas se distinguem em normas de prestigio social e normas sem prestígio social.

No que diz respeito a inserção da temática que envolve a variação linguística nos parâmetros curriculares nacionais (PCN), destacamos que a variação linguística nos PCN só ganha destaque no espaço escolar quando reconhecem a importância de se abordar essa temática para a promoção de um ensino crítico, reflexivo e eficiente. Até o século XX, o ensino de língua portuguesa era baseado na retórica e na gramática. Estudava-se português diretamente nos manuais de gramática tradicionais. A leitura dos textos literários, os únicos presentes nas aulas, era feita em antologias, somente os filhos da classe de prestígio podiam frequentar a escola e o registro estudado nela era o português tido como padrão, de modelo a ser seguido. (PCN, 1997, p.41)

Diante desta inserção nos anos 90 podemos observar nos currículos escolares um avanço com relação ao ensino aprendizagem da língua materna. Observamos que estes passaram a valorizar mais os aspectos sociais, políticos e culturais da língua, porém, ainda verificamos pouca menção aos trabalhos ao trato que o professor deve dar ao trabalho com a variação, embora, sabemos que as línguas naturais apresentam um dinamismo inerente, no entanto, vale dizer que elas são por natureza heterogênea. Não é raro encontrar mais de uma forma equivalendo a um mesmo significado, ao nível do vocabulário, da morfossintaxe e /ou da fonética- fonologia de uma língua. (cf. MOLLICA E BRAGA, 2003).

Desde que a língua existe como forma de comunicação, identificam-se socialmente as pessoas pela forma como falam, incorporando os indivíduos aos fatores intrínsecos (como sexo, idade, etnia), os contextuais (grau de formalidade e tensão comunicativa) como também por meio da religião, nível de renda, profissão, classe social, e escolarização. Portanto, essa inserção social, dentro do estudo de variações rompe, assim, o princípio de autonomia do sistema em nossa contemporaneidade.

Nesta seção procuramos enfatizar tanto a linguagem como a variação linguística que também se dá em situações naturalísticas vividas por meio de trocas interativas. Segundo Bakhtin (2006, p.127) “a verdadeira essência da língua está no fenômeno social da interação verbal ou não verbal, realizada através de enunciado ou das enunciações”.

Em meados dos anos 80, a preocupação era pautada ao papel dos professores em afinidade a conscientização e a prática pedagógica na similaridade com a inclusão da variação linguística em sala de aula. No entanto, segundo Faraco:

> Temos de reconhecer que estamos muito atrasados na construção de uma pedagogia da variação linguística. Parece que não sabemos, de fato, o que fazer com a variação linguística na escola. E o que temos feito é seguramente bastante inadequado. (Faraco, 2008 - p.179)

Em perspectiva das mudanças do ensino da língua portuguesa a escola brasileira se faz presente na variação linguística devido à profunda transformação do perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta as escolas públicas no Brasil, seja para ensinar seja para aprender. Com a ampliação da população escolar, há um aumento no número dos professores, que "agora não pertencem tanto, as classes de prestígio".

Considerando as novas mudanças ocorridas na linguagem dos falantes, a escola passa a ter um papel cada vez mais importante, uma vez que esta passa a assumir a responsabilidade de informar aos discentes o conhecimento de que a língua não é um produto estável e estará sempre suscetível a mudanças. No entanto, vale lembrar que sempre foi imposto um modelo de língua da sociedade aristocrática, (a elite), em outras palavras, os detentores de riqueza econômica, que tomava como base a língua escrita literária a qual não corresponde à realidade da língua falada, nem mesmo a dos grupos sociais dominantes.

1.1 Revisão das teorias de variação atreladas ao campo da sociolinguística e os estudos de variação

Vamos nos fundamentar em algumas afirmações de estudiosos da língua sobre a abordagem das variações linguísticas (VL), as quais tomamos por base para o desenvolvimento desta pesquisa.

a) "Cada variedade tem seus domínios próprios, onde é senhora quase absoluta. Não existe, simplesmente, uma variedade 'certa'. Cada situação de comunicação (ensaio cientifico, peça teatral, conversa de botequim, discurso de formatura, pedido de informações na rua etc.) impõe uma variedade própria, que é a 'certa' naquela situação". (PERINI, 1995, p.25).

b) “A imprensa é o melhor termômetro das variações linguísticas, da incorporação de certos usos, da sua elevação à condição de norma linguística da comunidade” (PRETI, 1998, p.2).

c) “A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua”, “todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na quais todos falam da mesma forma”. (POSSENTI, p.33-34).

Essas citações sobre as teorias de variações nos elevam ao campo da sociolinguística, aonde, o Ministério da Educação, através dos PCN (1998, p.29) reconhece que no Brasil “quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades”, e ainda que, “em um mesmo espaço social convivem miscigenada diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais”.

Portanto, para esse enfoque Sociolinguístico e estudo de variação na Língua Portuguesa utilizamos primeiro a visão de Travaglia (1996, p.42) que prefere o termo variedade, colocando num mesmo nível todos os tipos de variação, ao contrário do termo ‘variante’ que parece dar a ideia de que existe uma forma da língua que é central, típica, melhor que as demais.

A língua é vista pelos sociolinguistas como “dotada de heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. Quando Labov (2008) fala em heterogeneidade refere-se à variação, mas está interessado na variação que pode sistematicamente ser explicada. A variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial.

Assumindo a perspectiva de que é impossível entender o desenvolvimento da variação e mudanças linguísticas fora da vida social da comunidade, já que pressões sociais estão continuamente operando sobre a linguagem, Labov (2008) se propõe em seus trabalhos pioneiros a correlacionar os padrões linguísticos variáveis as diferenças paralelas, na estrutura social em que os falantes estão inseridos. Weiner e Labov (1977) ampliam o escopo da regra variável para além dos limites da fonologia.

É válido ressaltar que, no Brasil, somente, a partir da década de 80 as ciências linguísticas chegam à escola, aplicadas ao ensino da língua materna. A

sociolinguística alerta a escola sobre a necessidade da heterogeneidade linguística sobre as diferenças, especialmente, porque a democratização trouxe a escola alunos de vivências diversas.

Segundo o artigo 35 da Lei DE Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394/96, no Ensino Médio, etapa final da educação básica, é função da escola preparar o aluno para o ingresso no mercado de trabalho, e ao mesmo tempo, para a continuidade dos estudos, por meio do ingresso no ensino superior. Assim, é dever da escola capacitar os alunos para desempenharem suas funções como agentes da sociedade, ciente de suas possibilidades como sujeito comprometido com as transformações sociais.

No entanto, a maioria dos Livros Didáticos (LD) mais vendidos no Brasil são escritos e produzidos na região sudeste, sempre por autores vinculados às culturas das grandes cidades. Desse modo consideramos importante conhecermos o que tem sido proposto nos manuais didáticos e percebermos as lacunas existentes neles. Acreditamos, pois que um trabalho contextualizado, em que as disciplinas se transformam em áreas de conhecimento mais amplas apresenta-se de forma muito relevante para o ensino.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

Como vimos, o livro didático vem sendo foco de interesse do Ministério da Educação que, preocupado com sua qualidade e adequação às propostas dos PCN, criou, em 1996, o Programa nacional do Livro Didático (PNLD) e, em 2004, o Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM). Todavia, nota-se uma maior atenção dos autores quanto às propostas apresentadas nos PCN, no que concernem as questões da variação da língua, os quais visam formar um aluno crítico e cidadão. Em relação aos LDP, doravante Livros Didáticos de Língua portuguesa, a afirmação procede já que alguns estudiosos apontam para melhorias em alguns aspectos como: uma melhor seleção de gêneros textuais, discussão da relação entre fala e escrita, compreensão de textos e ensino de gramática, entre outros. No entanto, como aponta Bagno (2007, p.132): “é muito frequente, nos materiais didáticos, a abordagem da variação linguística se restringir a fenômenos que poderíamos chamar de superficiais: o sotaque e o léxico”.

Sabe-se que é do léxico, depois da fonética, que se patenteia a variação linguística. O léxico reflete as diferenças culturais dos falantes das várias regiões brasileiras. Portanto, é desejável desenvolver um trabalho que conscientize o aluno sobre a existência dessas diferenças, como forma de ampliação vocabular e familiarização com as diversas possibilidades de nomeação em sua língua materna.

> Existe um nível mais profundo de variação linguística que em geral é pouco abordado: a variação morfossintática, ou seja, os usos diferenciados que cada grupo social faz dos recursos gramaticais da língua. E são alguns desses fenômenos morfossintáticos variantes os que deveriam se tornar o foco principal da educação em língua materna, porque da boa compreensão desses fenômenos vai depender todo o trabalho de letramento que a escola deve empreender com seus alunos. (BAGNO, 2007, p.132).

Vários fenômenos de variação morfossintática constituem, na verdade, processos de mudanças no português brasileiro e que os manuais didáticos continuam a tratar como regras indiscutíveis. Um deles é o nosso sistema de pronomes clíticos que vem passando por um longo processo de mudanças, estudado com afinco por Maria Eugênia Duarte em diversos trabalhos. Segundo a autora, os pronomes acusativos e dativos de terceira pessoa (“o” e “lhe”) estão praticamente ausentes da língua oral.

> Toda língua é variante, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na quais todos falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da relação social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos, as formas de linguagem também acompanham essas diferenças. (MARCUSCHI, 1997).

Neste sentido entendemos que, toda língua admite variações que diz respeito não apenas aos aspectos geográficos, históricos, sociais e situacionais, mas também aos efeitos de sentido que os falantes buscam dar a seus enunciados.

Ao que podemos observar, o Livro Didático do Ensino Médio (LDEM 2013), define língua como sendo um conjunto de muitas variedades, que refletem e ao mesmo tempo constituem as identidades sociais dos diversos grupos de falantes. As variedades também indicam que a língua muda ao longo do tempo e de situação para situação, além de refletir traços subjetivos dos falantes, dando prova da sua inventividade.

Assim, qualquer variedade se estrutura em torno de certos parâmetros, segundo os quais os falantes podem reconhecer ou não um enunciado como adequado, próprio daquela variedade. Mesmo em face do conjunto de variedades que compõem uma língua, todo enunciado produzido, falado ou escrito, obedece a um conjunto de regras que possibilita a reconstrução dos sentidos pretendidos pelos falantes.

2.1. Documentos parametrizadores e a abordagem da variação linguística

> O ensino da língua portuguesa fora concretizado a partir de regras impostas pela sociedade dominante, com falantes que privilegiavam abordagens direcionadas à gramática tradicional prescritiva, que tinha como “equivocada as questões de variação, uma vez que está se diferenciava, por meio de torpes reflexões da norma culta”. Os documentos PCN defendem que os

> estudos de variação cumpram papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades da língua portuguesa.(BRASIL,2006, p.17).

Ao que se pode identificar, os PCN defendem a inserção de uma nova postura na sala de aula, centrada na exemplificação e utilização de textos variados, escritos e orais que circulam na sociedade, e não apenas os literários, mas também os não literários para que se possa oferecer, ao público alunado, um repertório linguístico mais abrangente.

No entanto, o próprio documento revela que “abrir a escola para reflexões dessa natureza era, anteriormente, considerado como ameaça ao conhecimento sobre língua que até então imperavam na sala de aula” (BRASIL, 2006 p.17).

Os PCN alegam que “frente aos fenômenos das variações, não basta somente uma mudança de atitudes: a escola precisa cuidar para que não se reproduzam em seu espaço a discriminação linguística” (BRASIL, 1988, p.82). O ensino da língua portuguesa fora concretizado a partir de regras impostas pela sociedade dominante, como falantes que privilegiavam as abordagens direcionadas a abordagem tradicional prescritiva, que tinha como “equivocadas” as questões de variação, uma vez que esta se diferenciava por meio reflexivos, da norma. Deverá haver, neste caso, um cuidado para que o ensino de língua não venha, ao invés de quebrar com o preconceito, desenvolver certo estímulo ao que se entende com variação, uma vez que a sociedade “dominante” foi determinante das regras linguísticas.

Quando se fala da língua portuguesa, segundo Brasil (2006), esta se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se as diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

Os PCN enfatizam a responsabilidade de todas as disciplinas ensinarem ao aluno utilizar os textos que fazem uso, embora caiba a língua portuguesa um estudo mais sistemático. No entanto, ao referir-se ao trabalho com gêneros, os PCN (1997 p.31) são autoexplicativos “um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe

selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado os seus objetivos e a circunstâncias enunciativas em questão. Mas afirmar que o aluno deve selecionar o gênero mais adequado aos seus objetivos, sem nenhuma informação mais precisa do que é gênero, não é suficiente para a orientação do professor, embora possam ser feitas interferências. ”

Os PCN+ as “orientações complementares” remontam a importância do trabalho com variação sob um prisma metodológico, quando este ensino deve dispor ao desenvolvimento da competência gramatical, uma vez que esta se apresenta, intimamente e profundamente, relacionada também a competência interativa. Assim, podemos relatar que os documentos oficiais de educação, os quais puderam ser vivenciados a partir do ano de 97, defendem um ensino de língua que contemple as variedades linguísticas como forma de ampliar o domínio linguístico do aluno e de valorizar e respeitar seus diversos registros.

3. O TEXTO NO LIVRO DIDÁTICO E AS SEÇÕES DE VARIAÇÃO

Em meio a tantas discussões, críticas e sugestões, no que tange ao ensino sobre as questões que envolvem a variação linguística nas escolas e a apresentação dessa temática nos livros didáticos, tanto no que diz respeito ao conteúdo, quanto aos objetivos a serem alcançados, ainda podemos observar que o corpo textual sugerido, muitas vezes foge da realidade do aluno, tendo em vista que este necessita de um maior desdobramento em suas práticas pedagógicas, para conseguir obter um bom aproveitamento na aprendizagem.

Para alguns estudiosos da área, no que concerne, mais propriamente, a abordagem sobre produção de texto na escola, a discussão em torno do tema vai além do nível semântico: Redação X Produção textual, chegando-se à proposição de que se deve haver uma distinção conceitual entre redação e produção de texto, a fim de que se esclareçam e se evidenciem como se daria o trabalho com a escrita de texto conforme cada uma dessas propostas (GERALDI, 1991, p.136). Assim, enquanto na redação se trabalharia com a escrita de texto, segundo uma concepção tradicionalista de ensino, na produção de texto, ter-se-ia como fundamentação teórica a concepção interacionista, que propõe toda uma mudança de paradigmas no que se refere ao trabalho com o ensino tanto da leitura quanto da escrita de textos. Tal mudança estabelece como premissa para a execução do trabalho com a escrita de texto em sala de aula, que se criem às condições de produção textual. (GERALDI, 1997, p. 22). Acredita-se que ao se fazer a opção pela proposta que contempla a produção de texto, não se estaria aderindo apenas a um modismo, ou simplesmente substituindo-se uma nomenclatura por outra, mas rompendo com toda uma metodologia de trabalho com o texto, que embora tenha sido importante

durante um determinado momento, tem se mostrado ineficiente no que se refere à tarefa de habilitar alunos para a atividade de produção de textos escritos.

As inovações digitais conduzidas para aperfeiçoar os alunos e professores a se tornarem “verdadeiros leitores” definiram novos objetivos de aprendizagem para pôr a escola em sintonia com as expectativas sociais e as exigências da escolarização longa.

> Dessa forma não podemos ignorar a “internet” veículo de comunicação, ela se configura na sociedade atual, como “uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” e os gêneros “eletrônicos” à medida a que surgem causam impacto tanto na linguagem como na vida social. Nessas circunstancias, o ensino da Língua Portuguesa deve focar no desenvolvimento das diversas habilidades de leitura e escrita dos variados gêneros que fazem parte da realidade social do aluno, tanto para despertar o seu interesse como para prepará-lo para nova forma de interação social (MARCUSHI, 2005, p.13).

Em face desta diversidade de estudos na área da língua portuguesa, os processos de ensino aprendizagem da leitura estarão sempre em evolução acompanhando a complexidade das relações humanas em suas formas do conhecimento, produção, aspirações e ideias, estabelecendo a comunicação entre pessoas, e aprendizagem. Todavia, não podemos ignorar a presença marcante dos novos gêneros digitais, nem tampouco não contemplá-los no livro didático instrumento importante utilizado no ensino aprendizagem (DIONISIO; BEZERRA, 2005). Desse modo, entendemos que as novas tecnologias, ou para melhor definir, a internet constitui-se, ainda nos dias atuais, um dos principais suportes de informação, através do qual o aluno tem acesso aos mais variados gêneros textuais textos, bem como as mais diversas informações sobre o estudo da língua, sendo, pois dever do livro didático informar, incentivar e propor aos discentes a utilização desse suporte tecnológico, dentro do contexto que aqui discutimos.

Conforme o GLD 2012 (Guia Nacional do Livro Didático), as propostas de informações de textos são organizadas em sequências didáticas que contextualizam a prática de escrita em seu universo de uso social e indicam as condições ideais de sua produção. O trabalho com os conhecimentos linguísticos promove o encaminhamento de reflexões sobre o uso da língua e sobre o conteúdo de linguística e de gramática. As atividades levam em conta a variação e propõem questionamentos acerca de conceitos consagrados da tradição gramatical.

Para Cardoso (2010) os livros apresentam também o trabalho com os gêneros textuais, em suas respectivas ordens do relatar, do narrar, do expor e do argumentar. Os três livros do ensino médio contribuem para a formação do leitor de literatura, uma vez que suas atividades levam o alunado a observar a materialidade do texto na apreensão de efeitos de sentido, o conduz a fruição estética e a apreciação crítica da produção literária. A oralidade não recebe espaço específico, sendo poucas as vezes que esse eixo é explicitamente considerado.

Além disso, as atividades favorecem uma compreensão de conhecimento como fator constitutivo de cultura. Cada unidade dedica à contextualização histórica, cultural e literária da estética abordada, frequentemente sucedida do contexto de produção e dos principais autores, em Portugal e no Brasil.

O livro analisado Ser Protagonista apresenta aspectos positivos no que diz respeito ao ensino de variação, o qual enfoca questões relacionadas à oralidade. No entanto, é importante esclarecermos que, ao examinar os três livros separadamente, observamos que os livros 1 e 2, voltados para a 1ª e 2ª série do Ensino Médio, apresentam a temática de forma desordenada, ora num capítulo de duas ou três páginas, ora no capítulo seguinte, completando o assunto. Já o livro 3, destinado a 3ª série do Ensino Médio, apresenta uma abordagem mais ampla, com maior profundidade quanto ao ensino de variação do que os outros dois volumes. Isso demonstra a preocupação dos autores somente no final do ensino médio, porém a diversidade é um fato concreto, que nasce com o indivíduo e precisa ser compreendida em todos os níveis do ensino básico. Isto indica que o ensino de variação deve ser enfatizado desde as primeiras séries do Ensino Fundamental.

Na avaliação do ministério da Educação (MEC) através do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), o Livro da Língua Portuguesa: “Ser Protagonista” apresenta excelente qualidade de acordo com GLD 2012 (BRASIL, 2011a, p.27), dentre outros aspectos referenciados, o manual colabora efetivamente para o desenvolvimento da linguagem oral do aluno, por explorar gêneros textuais orais adequados a situações comunicativas diversificadas. E ressalta que relações entre fala, escrita e efeitos de sentido determinados pelo uso de recursos da língua são explorados em diálogos orais, escritos e entrevista.

3.1. Critérios de análise e reflexão do livro didático “ser protagonista” quanto ao trabalho com a variação linguística

O primeiro manual (1º ano do ensino médio), quanto à abordagem sobre variação linguística (capítulo:17. Pág. 198-199), a define, através do poema Lisboa: Aventuras, como sendo um fenômeno comum a todas as línguas do mundo, que objetiva apresentar diversidades da língua em função da época, região, situação de uso e das particularidades dos falantes. Uma língua usada por um grupo social específico, com características próprias e que apresentam variações em suas mais diversas condições de uso, dentre elas são destacadas: variação histórica, variação regional, social, situacional, norma padrão e norma culta.

Ao fazermos uma observação deste primeiro módulo, percebemos que o autor busca apresentar uma definição geral do que se define por variação linguística, especificando suas principais diversidades proporcionando ao aluno um primeiro contato com a temática. Consideramos, esta uma abordagem adequada a esta fase do ensino médio, tendo em vista que em um primeiro momento o aluno precisa atingir uma definição clara do que seja variação e suas principais modalidades, para somente depois conhecer as demais especificidades que existem neste processo de variação da língua.

Uma observação importante que merece ser feita é que o autor se preocupa em informar sobre o preconceito linguístico que pode surgir dentre essas questões que envolvem a variação, tornando o aluno ciente de que o ensino de variação não objetiva mostrar o que é certo ou errado dentro da linguagem, mas sim conscientizar o falante das diversas facetas que a língua pode ter.

O segundo manual analisado parece dar prosseguimento a temática sobre variação iniciada no primeiro manual, apontando desta vez as variações da língua ocorridas através das gírias e dos jargões usados em sociedade. Nesta parte o autor utiliza-se do gênero textual jornalístico para promover a reflexão sobre o uso destas duas variantes da língua, propondo desse modo um ensino de variação atrelado ao estudo dos gêneros textuais.

O manual que se refere a terceira e última fase do ensino médio é composto, assim como os dois manuais anteriores, pela abordagem de gêneros textuais de diferentes autores, propondo sempre uma atividade de leitura, em cujo rol de textos figura poemas, contos, poesia, tiras, textos explicativos, anúncios, propagandas, notícias, letras de músicas etc. Segundo as considerações de Sole (1998), devemos

fazer uso dos mais variados gêneros textuais em sala de aula, motivando os alunos em relação à leitura, selecionando o material adequado e planejando uma boa aula.

Este último manual continua apresentando uma proposta interdisciplinar, fazendo uma ponte entre o ensino de variação e gênero textual, através da leitura do trecho de um romance, no qual o aluno terá que analisar de que forma as variações se apresentam na linguagem informal em sociedade e, em especial na linguagem dos jovens. A interdisciplinaridade prevalece neste terceiro módulo uma vez que o trabalho com a variação e gênero se une com o estudo gramatical no que concerne as questões de complementos verbais.

Dentro desse parâmetro, podemos dizer que a coleção Ser Protagonista nas três séries do ensino médio demonstra que as atividades apresentam, de uma forma muito contínua, o trabalho com os gêneros textuais, envolvendo habilidades que variam em complexidade, extraindo informações do texto, captando os significados e buscando a construção de novas informações para assimilar o conteúdo a ser compreendido. Observou-se que o tratamento da variação linguística se dá por meio de discussões e, em seguida, de atividades que ora visam aprimoramento dos conhecimentos gramaticais, ora o aprimoramento dos conhecimentos linguísticos propriamente ditos, abordando em cada unidade uma parte de análise da língua, não completando o sentido em uma única seção, mas alternando em fases separadas a explanação sobre a temática.

Assim, podemos caracterizar de uma maneira geral, que na aula de expressão, o aluno do ensino médio não tem a liberdade de poder se expressar, além do mais é sufocado com textos e conteúdos que fogem de sua realidade. “Qual será o entendimento e o rendimento desse aluno?” “A prioridade dada está referida ao que o aluno sabe e o que o aluno não sabe?”. A melhoria em termo de conteúdo, disciplina e modo de trabalho, deverá focar na realidade e dificuldade do aluno, vivenciando as ações do saber e compreendendo a necessidade deste. O trabalho, neste sentido, buscará dar ênfase aos problemas corriqueiros da leitura e da escrita, baseando-se no saber linguístico amplo em termos de ações, dando prioridade a comunicação.

Sendo a língua dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar. A língua é compreendida como linguagem

que constrói e desconstrói significados sociais. Seu estudo impõe um tratamento transdisciplinar no currículo. É a base de todos os saberes e pensamentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A avaliação é dimensão inerente à aprendizagem. Assim, é equivocado supor que as práticas educativas podem ser desenvolvidas em uma determinada perspectiva teórica metodológica, sem que a avaliação receba o mesmo tratamento. Tal posicionamento também é defendido pelos PCN (1998:95), para quem a adoção dos critérios avaliativos, propostos pelo documento, só será adequada se os alunos tiverem sido submetidos a procedimentos pedagógicos fundados na proposta teórico-metodológica explicitada no decorrer dos parâmetros. Da mesma forma, ao analisar os LDP que poderão ser utilizados em sala de aula, é essencial que o professor observe e investigue atentamente a discussão que o MP apresenta sobre os pressupostos de avaliação. Se o MP considera a modalidade oral e escrita, as habilidades de compreensão e produção, os conhecimentos linguísticos, deve também destacar, respeitada a opção teórico-metodológica, procedimentos avaliativos pertinentes e que se inter-relacionam.

De um modo geral, os resultados desse estudo mostraram que as atividades envolvendo os gêneros textuais nos LD, envolvem habilidades que variam em complexidade, extraindo informações do texto, captando os significados e buscando a construção de novas informações para assimilar o conteúdo a ser compreendido.

Verifica-se ainda que a maior parte das atividades de leitura valoriza ambas as modalidades de expressão da linguagem, muito mais da escrita quanto da oralidade, mas em algumas atividades apresentam o hibridismo ou gênero hibrido,

que por sua vez, é algo habitual nesse LD, pois parece fazer parte do gênero, trazendo ilustrações de poema o que torna parte integrante do gênero.

Os gêneros textuais encontrados nos livros didáticos de português do Ensino Médio; “Ser Protagonista” referem-se mais propriamente a gêneros discursivos, tais como relato de experiência, relato de viagem, diário, testemunho, autobiografia, crônica, reportagem, biografia; no âmbito da transmissão e construção do saber (a esfera do expor); há o texto expositivo, conferência, artigo enciclopédico, relatório, científico, entrevista com especialista, texto explicativo, resumo de texto expositivo; no âmbito das discussões de problemas controversos (a fase do argumentar); há o texto de opinião, carta do leitor, carta ficcional (a esfera do narrar); há o conto, fábula, lenda, romance, poesia, novela, biografia romanceada e outros.

Parcialmente consideramos que os LDP no aspecto relacionados a essa temática que envolve gêneros textuais e variação linguística, procura retratar a diversidade da língua portuguesa presente nas várias regiões do país, mas não contempla os dialetos específicos de cada região, priorizando mais a Bahia, Recife e os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Percebemos, ainda, que o autor reforça a importância da adequação linguística da norma-padrão em nossa sociedade, tendo em vista que esta preza pela formação de uma comunidade letrada. Os dois livros analisados apresentam de forma coerente a variação linguística, bem como a importância da padronização da língua, refletindo sobre a pluralidade linguística percebida em nosso país de acordo com as diversas situações comunicativas.

Ser capaz de formar indivíduos capazes de conhecer o texto na sua forma autêntica (oral ou escrito), considerando a leitura como processo de construção de sentidos e sabendo posicionar-se perante a proposta de produção textual, requer planejamento, revisão e refação por parte dos incentivadores. Se durante o processo de avaliação for observada a aprendizagem do aluno a partir desses enfoques e, em cada um deles, suas especialidades, certamente uma grande contribuição estará sendo dada para que observações críticas, feitas pelos próprios discentes, pelos professores, colegas, comunidade, aflorem e sejam encaminhadas de forma menos punitiva e mais formativa. A avaliação formativa busca regular a ação pedagógica, considerando cada aluno individualmente. Com base nos objetivos de aprendizagem estabelecidos, em atividades permanentes, há respeito as diferenças, sem que isso signifique estabelecer desigualdade. Uma avaliação formativa não inclui nota ou conceitos, mas devem envolver orientações seguras, indicadores precisos que

permitam compreender o que precisa ser melhorado, o que precisa ser ensinado e aprendido ou mesmo melhorado na aprendizagem (PERRENOUD, 1999, p.14).

Enfim, esperamos ter contribuído para o esclarecimento de algumas propostas presentes nos Guias didáticos da língua portuguesa, nos parâmetros curriculares atuais e nas abordagens dos livros didáticos. Que este trabalho seja uma colaboração no campo da educação básica para o ensino médio, que ele possa levar consigo a marca de não oferecer definições e, especialmente restrições, mas, ao contrário, carregar consigo a marca de encorajamento na direção das melhorias do ensino de língua portuguesa no ensino médio e de mudanças relativas aos conteúdos dos LD. Uma perspectiva positiva, portanto, é que desejamos oferecer àqueles que encontram-se empenhados em contribuir para o avanço do ensino e em desenvolver as atividades dos livros didáticos conforme os PNLDEM a partir de algumas condições que, se prezadas, abrem mais caminhos as mais novas possibilidades de um contínuo sucesso no que tange a educação básica nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação Linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes,1997.

BARBOSA, Jackson C.F. **Abordagem Da Geolinguística Brasileira No Livro Didático De Português**. Monografia De Graduação Em Letras. Universidade Federal De Campina Grande, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Secretária da Educação Fundamental, Brasília-1997.

_____Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias,** Brasília: secretária de Educação Básica, 2006.

_____Parâmetros Curriculares Nacionais, **Ensino Médio**, Brasília: MEC/SEMTEC. 2000.

_____Ministério da Educação. **Orientações didáticas especificam para alguns conteúdos**: variação linguística, léxico e ortografia. In: _____

Parâmetros Curriculares Nacionais língua portuguesa de Educação Fundamental_ Brasília, 2002, p.81-86.

_____Guia de livro didático: PNLD 2012. **Língua Portuguesa**, Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. MEC/SEB/FNDE, 2011 a.

_____Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2012: **Língua Portuguesa** Brasília: Ministério da Educação Secretária de Educação Básica. MEC/SEB/FNDE 2011b.

BRASIl. Lei n° 9.394/96, de 20 dez. de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União Brasília, 20 de dez.1996. Disponível em< HTTP://portal.mec.gov.br /seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein 9394.pdf. >acesso em 16. Mar/ 2015.

DIONISIO, Ângela Paiva. **Variações linguísticas**, avanços e entraves In: _____BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) **O livro didático de português Múltiplo olhar**. 3ed. Rio de janeiro: Lucena, 2005, p.73-86.

FARACO, Carlos Alberto. **Normas cultas brasileiras**: **desatando alguns nós**. São Paulo parábola 2008.

GERALDI, João w, SILVA, Lilian L.M& FIAD, Raquel S. Linguística, **ensino de língua materna e formação de professores**. (in DELTA, vol.12, n2, 1997).

GUIA DE LIVROS: PNLD 2012: **Língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2011.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos dos textos**. , 7ed. São Paulo: Cortez. 2011.

LABOV, William, GUY, 2000. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola 2008.

MARCUSCHI, L. A. **gêneros textuais**: **definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.P.: MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. **gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCHUSCHI, Luiz. A.(2000) **uma proposta para classificação de Gêneros textuais**. Recife (UFPE) Inédito.

MOLLICA e BRAGA **Vocabulário da morfossintaxe ou da fonética.** (cf.Mollica e Braga, 2003).

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In____ Braga, Maria Luíza (org.), introdução a sociolinguística, 4ª ed. São Paulo, 2012, p.9-14.

POSSENTI. S. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, Dino.**Sociolinguística: os níveis da fala. Um estudo sociolinguístico do diálogo literário**. 8. Ed. São Paulo. Ed. Nacional,1998.

SILVA, R. V. M. e, **O português (língua) é dois: novas fronteiras velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz C.(1996). **Gramática e interação; uma proposta para o ensino da gramática no 1° e 2° graus**: São Paulo: Cortez.

INGEDORE, KOCH. **Desvendando Os Segredos Do Texto**: 7ª edição, São Paulo: Ed.Cortez 2011.

ANEXOS

Anexo 1 : Livro de 1 º do ensino médio

CAPÍTULO

16 Linguagens, linguagem verbal e língua

O que você vai estudar

- Linguagens.
- Signos: ícones, índices e símbolos.
- Os estudos sobre a linguagem verbal.
- A língua e a percepção sobre a realidade.

O ser humano estabelece associações entre diferentes elementos ao se relacionar com o mundo e com outras pessoas, muitas vezes sem se dar conta disso. Imagine, por exemplo, que alguém de sua família preparou um prato especial no dia do seu aniversário. Provavelmente você interpretaria essa atitude como um gesto de carinho. Nesse caso, estaria associando o elemento "comida" ao elemento "afeto", uma relação que talvez não fosse óbvia à primeira vista.

Além de vivenciar essas associações em suas experiências do dia a dia, o ser humano também as investiga cientificamente. Nessa investigação, os conceitos que ele formula o ajudam a compreender a si mesmo e suas relações com os outros seres humanos. Neste capítulo, você estudará alguns desses conceitos, conhecendo um pouco mais as reflexões a respeito das linguagens.

Linguagens

- Leia a tira a seguir, com as personagens Hagar e Eddie Sortudo, para responder às questões.

BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível* – 1. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 40.

1. No primeiro quadrinho, em que elemento Eddie se baseou para responder à pergunta de Hagar? Por que você acha que esse elemento chamou a atenção de Eddie?
2. No segundo quadrinho, a que fenômeno Hagar associou o elemento identificado por Eddie e por que essa interpretação gera humor?
3. O que essa "leitura" que Hagar fez revela a seu respeito? Que dado da realidade ajuda o leitor a criar essa imagem de Hagar?

A tira coloca em destaque uma característica da relação do ser humano com o mundo que o cerca: o fato de ele estabelecer **conexões** entre elementos, de tal forma que um deles pode **representar** ("aparecer no lugar de") outro.

A interpretação de Hagar para a fala de Eddie ("Estou vendo uma nuvem."), por exemplo, indica uma relação de representação entre dois elementos. Mas ela não é a única presente na tira. O local em que Eddie e Hagar se encontram também é representado, no segundo quadrinho, por uma palavra.

Dá-se o nome de **linguagem** a formas de interação entre os seres humanos que utilizam **sistemas organizados de representações**. Esses sistemas são compostos de recursos gráficos, sonoros, gestuais, etc. São exemplos de linguagem a música, a pintura, a dança, as línguas, a fotografia, a arquitetura, a moda, a culinária.

Na tira de Hagar, a ideia de "estabelecimento comercial que fornece bebidas e alimentos para consumo no próprio local" foi representada por duas linguagens: a **pictórica** (materializada pelo desenho de um bar) e a **verbal** (materializada pela palavra *bar*).

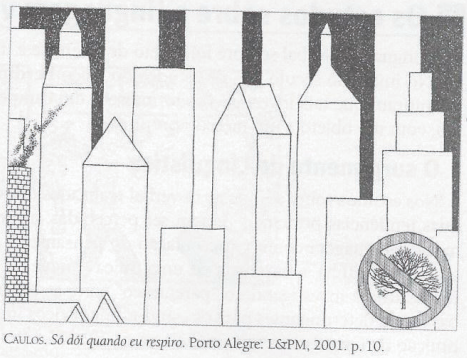
Vale saber

Pictórico é o termo utilizado para designar algo relativo à pintura, referindo-se a imagens em geral.

Signos

O signo é a unidade de representação de uma linguagem. Ele se caracteriza por ser um elemento que aparece no lugar de outro. Todo signo tem um suporte material, o **significante**, e um conceito, o **significado**. A palavra *bar*, a fotografia ou a maquete de um bar são signos, pois a noção de "bar" é transmitida por algo material (sons, traços, cores, etc).

Toda produção humana que possui sentido é um signo. Ele é a forma de as pessoas apreenderem a realidade.



Caulos/Acervo do artista

Caulos. *Só dói quando eu respiro*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 10.

O cartunista Caulos aproveitou a barra que representa o conceito de "proibição" nas placas de trânsito para mostrar, de forma expressiva, que a lógica das grandes cidades inverte as relações entre o ser humano e a natureza (nas cidades, as árvores são "proibidas").

Tipos de signo

Há muitos modos de pensar os tipos de signo. O filósofo e matemático estadunidense Pierce (1839-1934), por exemplo, propôs classificá-los em ícones, índices ou símbolos.

Para Pierce, um signo que representa um objeto com base na **semelhança física** que tem com ele seria um **ícone**. É o caso, por exemplo, de uma fotografia ou um desenho.

Um signo que representa algo por meio de uma **relação lógica**, aprendida na experiência humana, seria um **índice**. Na tira da página anterior, a nuvem observada por Eddie tornou-se um índice, já que Hagar a associou ao elemento "chuva". É o mesmo tipo de relação presente no dito popular "onde há fumaça, há fogo" (a fumaça é o índice do fogo).

Um terceiro tipo de signo, que representa um conceito em função de um **acordo social**, seria o **símbolo**. No código de trânsito, a cor verde significa "Siga!". O significado atribuído a essa cor não resulta de uma ligação natural entre a representação e o elemento representado; ele é fruto de uma regra estabelecida socialmente.

Linguagem verbal e signo linguístico

A linguagem verbal tem como unidades de representação os **signos linguísticos**, também constituídos por um significante e por um significado.

O **significante** do signo linguístico é uma **imagem acústica**, a impressão dos sons que guardamos em nossa mente. Ele é considerado a parte "material" do signo porque serve como transmissor de conceitos, podendo se manifestar concretamente por meio da fala ou da escrita.

Já o **significado** é o **conjunto de conceitos** associados a um significante. Esses conceitos correspondem à representação que os indivíduos de uma comunidade linguística têm do que está na realidade. Por exemplo, os falantes de português têm o signo "irmã", que significa "aquela que tem genitores em comum com alguém". Já os falantes de húngaro têm o signo "néne" ("aquela que, tendo nascido antes, tem genitores em comum com alguém") e o signo "húg" ("aquela que, tendo nascido depois, tem genitores em comum com alguém"). Falantes de português e falantes de húngaro representam a realidade de forma diferente; assim, associam significados diferentes a significantes diferentes.

De acordo com a classificação proposta por Pierce, o **signo linguístico** pode ser considerado um **símbolo**, pois sua relação com o elemento que representa é resultado de um acordo social.

Língua

No dia a dia, as palavras *língua* e *linguagem* são usadas com sentidos próximos. Para a **Linguística**, ciência que estuda a linguagem verbal, trata-se de dois conceitos diferentes. A **língua** é a maneira particular como a **linguagem verbal** se realiza nas interações de um grupo social específico.

ANOTE

Linguagem é uma forma de interação humana que utiliza um sistema organizado de representações. O **signo** é a unidade de representação de uma linguagem. Ele é formado pela união de um **significante** (suporte material) e um **significado** (conceito). A **linguagem verbal** conta com **signos linguísticos**. A forma como ela se realiza nas diferentes comunidades sociais constitui as **línguas**.

Os estudos sobre a linguagem verbal

A linguagem verbal sempre foi objeto de interesse e investigação humana. No início do século XX, os estudos do suíço **Ferdinand de Saussure** permitiram que tais investigações formassem um campo de saber autônomo, com um objeto e um método próprios.

O surgimento da Linguística

Nos estudos sobre a linguagem verbal realizados do século XVII ao XIX, duas tendências principais podem ser percebidas: a **racionalista**, que tomava a linguagem como representação do pensamento, e a **comparativa**, que pressupunha a existência de uma única "língua de origem" e buscava reconstituí-la investigando o "parentesco" entre as línguas existentes. Ambas foram determinantes para os estudos linguísticos futuros e para a constituição da Linguística como ciência no século XX.

A língua como sistema

Saussure desejava estudar aquilo que a linguagem verbal tinha de sistemático e entender que princípios determinavam seu funcionamento. Para tanto, precisou definir o que deveria e o que não deveria fazer parte de sua investigação.

Primeiro, desconsiderou as condições específicas em que a linguagem era usada pelos falantes. Ou seja, não incluiu em sua investigação questões como os sentidos implícitos que o contexto poderia gerar, que grupo social usava a linguagem daquela forma, etc. O que interessava a Saussure era o funcionamento interno da linguagem.

Ao mesmo tempo, Saussure abandonou a perspectiva histórica em seus estudos. Ele buscava pensar na linguagem como uma fotografia, congelada no tempo, na qual seria possível observar de que forma os elementos se relacionavam naquele momento.

Assim, Saussure definiu que o objeto da Linguística seria a **língua**, entendida como o **sistema de signos linguísticos** que compõe a linguagem verbal. Ela se oporia à **fala**, que seria a **realização concreta** da linguagem pelos falantes. Saussure entendia a língua como algo social e a fala como algo individual. Em outras palavras, apesar das falas particulares, variáveis, as pessoas se entenderiam porque têm a mesma língua. Nessa visão, a língua é algo sistemático e que pode ser estudado.

ANOTE

Para Saussure, o objeto da Linguística seria a **língua**, em oposição à **fala**. Essa visão de língua excluiria tanto a sua realização concreta pelos falantes quanto a sua evolução ao longo do tempo.

A ampliação do campo de estudos da Linguística

Devido à sua preocupação em delimitar o campo de estudos sobre a linguagem verbal e criar métodos próprios de investigação, Saussure é considerado o "pai" da Linguística moderna. Sua obra é hoje ponto de partida para todos os estudos linguísticos.

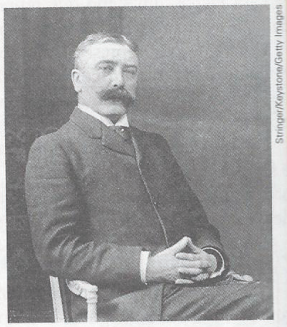
No entanto, outras tendências foram surgindo com o tempo, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Muitas delas passaram a se dedicar exatamente aos aspectos que Saussure havia desconsiderado, tais como o uso concreto da língua pelos falantes e a sua transformação ao longo do tempo.

Sem deixar de lado as contribuições desse linguista, atualmente a visão de língua como sistema é considerada insuficiente para entender a complexidade e a amplitude da linguagem verbal.

Repertório

Ferdinand de Saussure

O linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) elaborou teorias sobre a linguagem que tinham um enfoque estrutural, ao contrário do enfoque histórico, comum na época. Essas teorias propiciaram o nascimento da Linguística. Seu livro mais conhecido, *Curso de linguística geral* (1916), foi escrito por dois alunos seus, com base em anotações feitas durante os cursos dados por Saussure.



Stringer/Keystone/Getty Images

Saussure fotografado em janeiro de 1900.

Sétima arte

O escafandro e a borboleta (França/EUA, 2007)

Direção de Julian Schnabel

Após sofrer um acidente vascular cerebral, um famoso editor de revistas tem de reaprender a se comunicar usando a única parte de seu corpo que não perdeu os movimentos: o olho esquerdo. Apesar de a capacidade de se expressar estar absolutamente restrita, sua mente continua funcionando. O filme faz refletir sobre as possibilidades e limitações da fala e da comunicação no contato com o mundo.

Fac-símile/ID/BR

Capa do DVD *O escafandro e a borboleta*.

cópia

A língua como prática social

Leia a tira a seguir.

ITURRUSGARAI, Adão. Aline. *Folha de S.Paulo*, 17 maio 2004.

Observe a frase dita pela personagem Otto no segundo quadrinho ("Vê se capricha no sotaque!"). No contexto da tira, a recomendação se relacionava ao objetivo dos amigos: impressionar a namorada passando-se por "caipiras". A mesma frase, em outro contexto, poderia ter um significado diferente. Por exemplo, se dirigida ao candidato a uma vaga profissional que exigisse o domínio de uma língua estrangeira, poderia indicar um critério importante para a aprovação do candidato.

A fala de Otto revela a imagem que ele faz de Aline: alguém que se impressiona com certo estilo de roupa e jeito de falar. Também revela algo sobre ele: a sedução, em seu entendimento, está vinculada à aparência.

Já a resposta afirmativa de Pedro ("Só!") permite identificá-lo como integrante de determinado grupo de falantes jovens de ambientes urbanos. Pedro e Otto não são "genuínos caipiras", nem conhecem esse grupo. O leitor percebe isso devido à fala de Pedro no último quadrinho: ao tentar imitar o "sotaque caipira" ele usa termos associados a grupos de falantes da região Nordeste do Brasil. No contexto da tira, "Só!" é uma forma perfeitamente adequada de expressar concordância; já na situação de uma entrevista de emprego, por exemplo, soaria excessivamente informal.

Assim como a frase "Vê se capricha no sotaque!" poderia assumir múltiplos significados de acordo com o contexto, a fala de Otto no último quadrinho poderia ser compreendida como insinuante em outra situação. No texto de Adão Iturrusgarai, no entanto, ela provoca riso.

Esse efeito de humor é esperado durante a leitura de uma tira. Nela, não só o conteúdo das falas das personagens, mas também o tipo de letra usado, o formato dos balões, as expressões corporais e faciais das personagens, as cores e formas são considerados em conjunto na produção de sentidos.

Se, em vez de apresentada em uma tira, essa situação fosse encenada em um seriado de TV, certamente a variação na intensidade da voz dos atores e sua postura em cena seriam fundamentais para a produção do efeito de humor.

Essa análise da tira é um pequeno exemplo das muitas perspectivas existentes para observação da língua: os fatores que determinam a produção de sentidos em uma situação de uso; a maneira como os falares refletem ou constituem a identidade dos falantes; os valores sociais que a língua revela ou esconde; as relações que se estabelecem entre os participantes de uma interação; os usos mais ou menos adequados a cada situação ou contexto; os meios e modos como a língua se realiza; entre outros.

Diferentes áreas da Linguística se dedicam a estudar a língua privilegiando cada uma dessas perspectivas. Para isso, delimitam um campo ou ângulo de investigação, deixando de lado outros aspectos.

Os estudos de **Linguística** nos dias de hoje envolvem diferentes abordagens sobre a língua, que passou a ser entendida como uma **prática social**.

Repertório

***Aline*: jornais, revistas e TV**

A tira *Aline* foi criada pelo cartunista gaúcho Adão Iturrusgarai (nascido em 1965). É publicada nos jornais *Folha de S.Paulo* (SP) e *O Liberal* (PA) e em algumas revistas do exterior. Muitas das tiras dessa personagem tematizam o relacionamento entre ela e seus dois namorados, Otto e Pedro.

As aventuras do trio foram adaptadas para a televisão no especial *Aline*.

Adão Iturrusgarai. Aline - Cama, Mesa e Banho. São Paulo: Devir, 2001.

Capa de *Aline*: cama, mesa e banho.

CAPÍTULO

17 Uma língua, muitas línguas

O que você vai estudar

- Tipos de variação linguística.
- A diferença entre erro e adequação linguística.
- A importância de conhecer diferentes variedades linguísticas.

Ao pensar na diversidade dos grupos humanos e em sua constante transformação, é fácil perceber que a língua reflete e também ajuda a construir essa diversidade. Isso é perceptível não apenas em relação a línguas diferentes, mas também no interior de uma mesma língua. Neste capítulo você conhecerá mais sobre a **variação linguística**.

Variação linguística

- Leia o poema a seguir.

Lisboa: aventuras

tomei um expresso
cheguei de foguete
subi num bonde
desci de um elétrico
pedi um cafezinho
serviram-me uma bica
quis comprar meias
só vendiam peúgas
fui dar a descarga
disparei um autoclisma
gritei: "ó cara!"
responderam-me: "ó pá!"
positivamente
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 322.

1. A que se referem as "aventuras" vividas em Lisboa?
2. Que pares de palavras do texto apresentam o mesmo sentido?
3. Observe a maneira como os versos do poema estão dispostos. De que forma essa disposição contribui para a construção de sentidos do texto?
4. O último verso do texto refere-se ao poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, no qual o eu lírico, distante do Brasil, compara-o a Portugal. Aqui, qual é o sentido desse verso?

O poema revela algumas particularidades no vocabulário do português falado em Portugal e no Brasil. Entre os dois países, e entre todos aqueles nos quais se fala a língua portuguesa, também há diversas variações na pronúncia e nas construções sintáticas.

Também existem variações na língua falada no Brasil. Provavelmente você já ouviu falar em *jerimum* ou *abóbora*. Esses significantes remetem ao mesmo significado: o fruto da aboboreira. O primeiro é bem usado na Região Nordeste e o segundo, no Sul e no Sudeste.

Todas as línguas do mundo variam, e cada uma apresenta diversas **variedades linguísticas**.

ANOTE

Variação linguística é o fenômeno comum às línguas de apresentar variações em função da época, região, situação de uso e das particularidades dos falantes. A língua usada por um grupo social específico, com características próprias, constitui uma **variedade linguística**.

Hipertexto

As cantigas trovadorescas, estudadas na parte de Literatura (capítulo 4, p. 56), escritas em galego-português, exemplificam a variação histórica da língua.

Variação histórica: o tempo passa, a língua muda

A língua carrega muitas transformações ocorridas ao longo do tempo. Diversas palavras e construções sofreram mudanças de som, de forma ou de significado. O léxico e os modos de dizer também se modificam constantemente. Essa transformação é chamada de **variação histórica**.

CÓPIA

CÓPIA

Variação regional: região e expressão

A **variação regional** diz respeito às diferenças que uma língua apresenta nas diversas regiões em que é falada, como observado no poema de José Paulo Paes. A língua portuguesa está presente na Europa (em Portugal), na África (em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), na América (no Brasil) e na Ásia (no Timor-Leste, nas cidades indianas de Goa, Damão e Diu e na cidade chinesa de Macau). Dá-se o nome de **lusofonia** ao conjunto de países e lugares que têm o português como língua oficial ou dominante. Mesmo com as inúmeras particularidades – observadas também nas diversas comunidades falantes do Brasil –, todos falam a mesma língua.

Variação social: somos o que falamos

Os falantes de uma mesma língua são homens e mulheres de diferentes idades, classes socioeconômicas, níveis de escolarização e atividades profissionais. É natural que sua maneira de se expressar seja influenciada por esses diferentes contextos sociais. Esse fenômeno é chamado de **variação social**.

As diferentes formas de falar contribuem para a construção da identidade dos diversos grupos humanos. Ou seja, por partilhar uma mesma variedade linguística, um conjunto de pessoas se constitui como grupo e constrói uma identidade coletiva.

Variação situacional: língua, para que te quero?

Não se usam as mesmas palavras ou expressões em uma entrevista de emprego, em uma situação de paquera ou para falar com uma criança pequena, sob o risco de não ser entendido, causar impressão negativa ou não alcançar o objetivo pretendido. Um mesmo falante, portanto, usa diferentes variedades linguísticas de acordo com a **situação** de uso da língua.

Norma-padrão, norma culta e adequação

Os membros das comunidades linguísticas naturalmente atribuem diferentes valores aos modos de falar. Do ponto de vista puramente linguístico, não há uma forma de falar que seja melhor ou pior do que outra, embora algumas sejam mais adequadas a determinadas situações. Qualquer falante é usuário competente de sua língua materna (aquela que ele aprendeu naturalmente, em sua comunidade linguística). Em geral, o julgamento sobre o valor de uma variedade linguística está muito mais associado à imagem que se tem dos falantes ou grupos que a utilizam.

Historicamente, os escritores literários clássicos foram tomados como referencial de uso da língua. Na tradição de ensino, os manuais de gramática procuraram descrever esse modelo (vamos chamá-lo de **norma-padrão**) e elevá-lo à categoria de "português correto".

Os estudos linguísticos demonstraram que essa norma-padrão era uma idealização: não correspondia sequer aos usos linguísticos registrados nas obras literárias consagradas, ao menos não de maneira uniforme. Ela também não era observada nos veículos conceituados da imprensa nem em obras de referência, como enciclopédias. Hoje há iniciativas de descrição dos usos linguísticos dos falantes considerados "cultos", segundo critérios definidos pelos pesquisadores (por exemplo, nível de escolaridade, hábitos culturais, etc.). Esses usos corresponderiam à efetiva "**norma culta**" da língua, mas também não representam um bloco uniforme, sendo mais adequado referir-se a eles no plural, como **variedades urbanas de prestígio**.

Adequar-se linguisticamente significa empregar a variedade adequada a cada contexto de uso. Sendo as variedades urbanas de prestígio aquelas que dão acesso a boa parte das oportunidades profissionais e de participação na vida pública, é fundamental conhecê-las e se apropriar delas.

Livro aberto

Os olhos de Ana Marta, de Alice Vieira, Edições SM, 2005.

Capa do livro *Os olhos de Ana Marta*.

Alice Vieira é hoje uma das mais importantes escritoras portuguesas. Além de uma narrativa sensível e construída de forma surpreendente, em que a menina Marta procura desvendar grandes segredos que parecem tomar conta de sua casa e de sua mãe, o livro *Os olhos de Ana Marta* é uma ótima oportunidade para que o leitor brasileiro tenha contato com a variedade da língua portuguesa falada em terras lusitanas. As notas ao longo da obra e o glossário no final do livro esclarecem o significado de termos e expressões próprias daquele grupo de falantes.

Ação e cidadania

Entre as formas de intolerância e discriminação que ainda precisam ser combatidas está o **preconceito linguístico**. Ele é fruto de uma série de mitos linguísticos que se perpetuaram em nossa sociedade, levando as pessoas a acreditar que existem formas superiores, mais corretas ou mais cultivadas de falar e, por oposição, modos de falar errados, inferiores ou até ridículos. Essa crença é muitas vezes reforçada pela grande imprensa e por publicações que prometem ensinar o falante a não "errar" no uso da própria língua.

O valor social atribuído às variedades urbanas de prestígio é inegável e é um direito de todo cidadão brasileiro ter acesso a elas. No entanto, isso não significa que um falante deva ser discriminado ou ridicularizado por fazer uso de uma variedade não padrão.

CÓPIA

Prática de linguagem

ATENÇÃO: não escreva no livro.
Responda a todas as questões no caderno.

1. Leia este texto, uma "crônica de anúncios" de uma revista de 1957, e responda às questões.

Falando de compras com Nancy Sasser

Uma crônica de anúncios para a mulher brasileira

O verão traz as delícias da praia e os gostosos banhos de mar e piscina, mas... será que vale a pena molhar os cabelos? Vale sim, amiga. Depois v. poderá secá-los e fazer a "mise-en-plis" num instante. Basta ter um Secador de Cabelos GILDA. Tenho um e v. não imagina o serviço que me presta! Seca o cabelo em alguns minutos apenas, com um jacto de ar quente ou frio. É portátil e como poupa tempo e gastos em cabeleireiros!

Revista *Seleções*, dez. 1957.

Swim Ink 2/Latinstock

a) Considerando a finalidade com a qual o texto foi escrito, que tipo de efeito ele provoca no leitor dos dias de hoje?

b) Cite dois exemplos de variação histórica presentes no texto.

c) É possível afirmar que a variação histórica presente na linguagem do texto também reflete um contexto social diferente dos dias de hoje? Explique.

d) Reescreva o texto em seu caderno, supondo que ele se dirigisse a uma mulher contemporânea. Para isso, avalie qual a linguagem mais adequada para a tarefa de convencer essa mulher a comprar o secador de cabelo.

2. Leia a seguir um trecho do roteiro do filme *Cidade de Deus*. O diálogo entre as personagens se passa no bairro de mesmo nome, no Rio de Janeiro, na década de 1960.

BUSCA-PÉ, o narrador da história, tem nas mãos uma câmera fotográfica profissional. É negro e tem aproximadamente 18 anos. Ao lado dele o amigo BARBANTINHO.

Eles caminham por uma rua do conjunto.

BARBANTINHO

Aí, Busca-Pé...Tu acha mesmo que os cara vão te dar emprego no jornal se tu conseguir tirar essa foto?

BUSCA-PÉ

Eu tenho que arriscar.

[...]

BARBANTINHO (CONT.)

Na boa, Busca-Pé. Eu acho que os cara do jornal tão de sacanagem. Eles nunca vão te dar emprego.

BUSCA-PÉ

Pô, Barbantinho. Se conseguir essa foto, eu vou ficar na moral com os caras, tá entendendo?

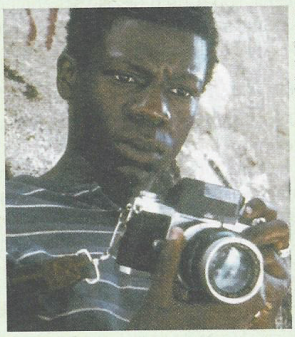
BARBANTINHO

Tu tá falando dum jeito que parece até que a gente tá num episódio da Missão Impossível.

BUSCA-PÉ

Pior é que é.

MANTOVANI, Bráulio. Roteiro do filme *Cidade de Deus*. Baseado no romance de Paulo Lins. Dez. 2001. p. 2-3.



Everett Collection/Keystone

Cena do filme *Cidade de Deus* (Brasil, 2002), de Fernando Meirelles. Na fotografia, o ator Alexandre Rodrigues (Busca-Pé).

a) Os seguintes termos e expressões, retirados do texto, são exemplos de que tipo de variação linguística? Justifique sua resposta.
- "os cara"
- "na moral", "na boa"
- "tu"

b) Considerando o modo de falar das personagens Barbantinho e Busca-Pé, descreva o provável perfil social delas.

c) Comparando esse texto com o anúncio do secador de cabelos Gilda, de 1957, qual deles parece mais distante do leitor jovem dos dias de hoje? Justifique sua resposta.

CÓPIA

3. Leia a seguir o trecho de uma notícia publicada no *site* do jornal *Lance*.

Em busca de vaga na Libertadores, Botafogo tenta 'secar' São Paulo

A classificação para a próxima Libertadores beira a realização de um milagre, este que viria recheado de tropeços do São Paulo, [...]. Porém, só secar não adianta e o Botafogo precisa fazer a parte dele neste sábado contra a Portuguesa, às 19h30, no Engenhão [...] para depois torcer contra o Tricolor Paulista diante do Grêmio, domingo. [...]

Faltam quatro rodadas para tirar oito pontos de distância. É difícil, mas a toalha não está jogada.

[...]

Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Libertadores-Botafogo-tenta-secar-Paulo_0_807519410.html>. Acesso em: 12 dez. 2012.

a) O trecho faz uso de expressões consideradas informais. Mencione-as.
b) Considerando o gênero a que o texto pertence e o veículo em que foi publicado, é possível afirmar que ele apresenta inadequação linguística? Justifique sua resposta.
c) Substitua as marcas de informalidade mencionadas nas expressões de **a**, reescrevendo os trechos em uma formulação que atenda a esse objetivo.
d) Nessa notícia, que razão pode ser apontada para a escolha original do redator?

4. No trecho de entrevista a seguir, o escritor moçambicano Mia Couto fala a respeito da visão dos moçambicanos sobre o Brasil.

ISTOÉ – O que do Brasil faz sucesso em Moçambique?

Couto – As novelas, em primeiro lugar. Têm uma capacidade de penetração e de assimilação enorme. Isso produz efeitos claros no campo linguístico. Logo após a independência, amigos meus, refugiados da ditadura brasileira, queriam dar aulas de português em Moçambique e não eram bem vistos, por não falarem o português autêntico. Isso mudou completamente: hoje um professor brasileiro que dê aulas de português em Moçambique é bem-vindo, é algo charmoso. Isso se deve muito às novelas.

IstoÉ, São Paulo, Ed. Três, 26 set. 2007.

Ed Ferreira/AE

O escritor moçambicano Mia Couto, fotografado em 2008.

a) Mia Couto refere-se a um mito: o de que a língua falada em Portugal seria o "português autêntico". Considerado o contexto histórico, dê uma hipótese para a existência desse mito.
b) Do ângulo da variação linguística, explique por que a ideia desse mito não se sustenta.
c) O que mudou a opinião dos moçambicanos sobre os professores brasileiros? Explique.

Usina literária

Leia o trecho de um poema do escritor gaúcho Clineu Pires da Silveira.

Gaudério por excelência
Gaúcho por tradição;
Sempre honrei o meu rincão
Por onde quer que eu ande...
Trago nas veias o sangue
De charrua e minuano,
Do índio xucro, aragano
Nativo do meu Rio Grande

SILVEIRA, Clineu Pires da. Disponível em: <http://portuguesepoesia.com.br/?page=poesiaregional&rid=78>. Acesso em: 31 out. 2012.

1. O eu lírico apresenta forte relação com sua terra natal. Que imagens dessa terra ele cria?
2. Os termos *xucro* e *aragano* são considerados regionalismos próprios do Sul do Brasil. Qual seria o efeito criado no texto se o eu lírico escolhesse palavras de menos apelo regional?
3. Com base nas respostas anteriores, explique: as variedades linguísticas são expressão da identidade dos grupos sociais, ao mesmo tempo que constituem essa identidade.

Vocabulário de apoio

aragano: arisco
charrua: trabalho no campo
gaudério: indivíduo sem pouso certo
minuano: vento forte do Rio Grande do Sul
rincão: local cercado por rios e matos onde o gado pasta com segurança
xucro: rústico

CÓPIA

Responda a todas as questões no caderno.

Língua viva — O falante poliglota em sua própria língua

Leia a seguir trechos de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, publicada no livro *As mentiras que os homens contam*. Após a leitura, responda às questões propostas.

Cultura

Ele disse: "O teu sorriso é como o primeiro suave susto de Julieta quando, das sombras perfumadas do jardim sob a janela insone, Romeu deu voz ao sublime Bardo e a própria noite aguçou seus ouvidos."

E ela disse: "Corta essa."

E ele disse: "A tua modéstia é como o rubor que assoma à face de rústicas campônias acossadas num quadro de Bruegel, pai, enaltecendo seu rubicundo encanto e derrotando o próprio simular de recato que a natureza, ao deflagrá-lo, quis."

E ela disse: "Cumé que é?"

E ele: "Eu te amo como jamais um homem amou, como o Amor mesmo, em seu autoamor, jamais se considerou capaz de amar."

E ela: "Tô sabendo..."

"Tu és a chuva e eu sou a terra; tu és ar e eu sou fogo; tu és estrume, eu sou raiz."

"Pô!"

"Desculpe. Esquece este último símile. Minha amada, minha vida. A inspiração é tanta que transborda e me foge, eu estou bêbado de paixão, o estilo tropeça no meio-fio, as frases caem do bolso..."

"Sei..."

"Os teus olhos são dois poços de águas claras onde brinca a luz da manhã, minha amada. A tua fronte é como o muro de alabastro do templo de Zamaz-al-Kaad, onde os sábios iam roçar o nariz e pensar na Eternidade. A tua boca é uma tâmara partida... Não, a tua boca é como um... um... Pera só um pouquinho..."

"Tô só te cuidando."

"A tua boca, a tua boca, a tua boca... (Uma imagem, meu Deus!)"

"Que qui tem a minha boca?"

"A tua boca, a tua boca... Bom, vamos pular a boca. O teu pescoço é como o pescoço de Greta Garbo na famosa cena da nuca em *Madame Walewska*, com Charles Boyer, dirigido por Clarence Brown, iluminado por..."

"Escuta aqui..."

"Eu tremo! Eu desfaleço! Ela quer que eu a escute! Como se todo o meu ser não fosse uma membrana que espera a sua voz para reverberar de amor, como se o céu não fosse a campana e o Sol o badalo desta sinfonia especial: uma palavra dela..."

"Tá ficando tarde."

"Sim, envelhecemos. O Tempo, soturno cocheiro deste carro fúnebre que é a Vida. Como disse Eliot, aliás, Yeats – ou foi Lampedusa? –, o Tempo, esse surdo-mudo que nos leva às costas..."

"Vamos logo que hoje eu não posso ficar toda a noite."

[...]

"Já sei!"

"O quê? Volta aqui, pô..."

"Como um punhado de amoras na neve das estepes. A tua boca é como um punhado de amoras na neve das estepes!"

VERISSIMO, Luis Fernando. Cultura. In: *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 149-151.

Adriana Alves ID/BR

Vocabulário de apoio

acossar: perseguir
aguçar: avivar
alabastro: pedra usada para fins ornamentais
assomar: surgir
badalo: peça do sino que vibra sonoramente
bardo: poeta ou declamador (na cultura celta ou gaulesa)
campana: sino
campônia: camponesa
enaltecer: engrandecer
estepe: tipo de formação campestre
fronte: rosto
insone: que não dorme
reverberar: ressoar
rubicundo: de faces avermelhadas
símile: recurso de linguagem por meio do qual se estabelece a comparação entre dois termos
soturno: sombrio, melancólico

Sobre o texto

1. Qual é a situação da vida cotidiana retratada pela crônica de Verissimo?
2. A crônica é escrita em terceira pessoa e a voz do narrador aparece apenas no início.
   a) Em sua opinião, por que a voz do narrador "desaparece" em determinado momento?
   b) Como na crônica não há descrição das personagens, o que as caracteriza?
   c) Com base em sua resposta anterior, trace um breve perfil de cada personagem.
3. Na crônica, há um descompasso nas expectativas das personagens. De que forma a linguagem manifesta esse descompasso?
4. Releia o trecho a seguir.

> "Escuta aqui..."
> "Eu tremo! Eu desfaleço! Ela quer que eu a escute! [...]"

Explique por que a resposta da personagem masculina ao comentário da personagem feminina produz um efeito de humor.

CÓPIA

5. Leia este outro trecho.

> "Tu és a chuva e eu sou a terra; tu és ar e eu sou fogo; tu és estrume, eu sou raiz."

a) Que tipo de relação existe entre os pares de elementos citados pela personagem masculina? Qual era a sua intenção ao compará-los a si e à sua amada?
b) Como a personagem masculina justifica a imagem infeliz do último par de elementos?
c) Cite outro trecho da crônica em que a personagem masculina utiliza o mesmo recurso de linguagem presente nesse fragmento.

6. "Tô só te cuidando." Qual é o sentido dessa fala na crônica?

7. Releia o trecho a seguir.

> E ele disse: "A tua modéstia é como o rubor que assoma à face de rústicas campônias acossadas num quadro de Bruegel, pai, enaltecendo seu rubicundo encanto e derrotando o próprio simular de recato que a natureza, ao deflagrá-lo, quis."
> E ela disse: "Cumé que é?"

a) Reescreva a fala da personagem masculina usando a variedade linguística empregada pela personagem feminina, preservando a intenção comunicativa.
b) Agora faça o inverso: reescreva a fala da personagem feminina usando a variedade linguística da personagem masculina.

8. O que o desfecho revela a respeito da personagem masculina?

9. Leia um trecho de uma conferência proferida pelo gramático Evanildo Bechara.

> [...] Como, de manhã, a pessoa abre o seu guarda-roupa para escolher a roupa adequada aos momentos sociais que ela vai enfrentar durante o dia, assim também, deve existir, na educação linguística, um guarda-roupa linguístico, em que o aluno saiba escolher as modalidades adequadas a falar com gíria, a falar popularmente, a saber entender um colega que veio do Norte ou que veio do Sul, com os seus falares locais, e que saiba também, nos momentos solenes, usar essa língua exemplar [...].
>
> BECHARA, Evanildo. Conferência à Academia Brasileira de Letras em 4 set. 2000. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm>. Acesso em: 31 out. 2012.

Explique de que maneira a crônica de Verissimo ilustra a opinião do professor Bechara sobre o aprendizado de língua portuguesa na escola.

Sunset Boulevard/Corbis/Latinstock

Um dos artifícios usados pela personagem masculina para impressionar sua amada é compará-la a Greta Garbo (fotografia acima), atriz sueca que viveu nos Estados Unidos, considerada um dos rostos mais bonitos de Hollywood. Em 1937, atuou em *Madame Walewska*, de Clarence Brown, como amante de Napoleão Bonaparte, interpretado pelo francês Charles Boyer.

ANOTE

Nenhuma variedade linguística é superior a outra. O falante competente é aquele que consegue ser um **poliglota** em sua própria língua, ou seja, que conhece muitas variedades linguísticas – inclusive as variedades urbanas de prestígio – e é capaz de escolher a mais adequada a cada contexto ou situação de uso.

Texto em construção

Você vai escrever um **conto de humor**, para apresentá-lo em uma exposição sobre a diversidade do português no Brasil. Retome as características do gênero no capítulo 25 (p. 314).

Seu conto deve retratar três personagens de diferentes perfis sociais e regionais. O humor pode se originar, por exemplo, do desconhecimento de uma personagem quanto ao significado de expressões usadas por outros falantes. A representação das variedades linguísticas não deve ser estereotipada nem ridicularizar os falantes retratados. Antes de escrever, defina o perfil das personagens e pesquise, com falantes reais, expressões e construções típicas desse perfil.

Após a escrita do conto, forme dupla com um colega. Usem o quadro da p. 319 para avaliar os textos um do outro e confiram se a variação linguística foi bem retratada. Reescrevam os contos.

Articulando O ensino da gramática

Leia a seguir dois textos que discutem a necessidade e a importância (ou não) de ensinar gramática na escola. O primeiro foi escrito por Sírio Possenti, professor de Linguística da Unicamp. O segundo foi escrito pelo gramático Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras e professor da Uerj e da UFF.

Texto 1

O papel da escola é ensinar língua-padrão

[...] Talvez deva repetir que adoto sem qualquer dúvida o princípio (quase evidente) de que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. [...]

Em que consistiria o domínio do português padrão? Do ponto de vista da escola, trata-se em especial (embora não só) da aquisição de determinado grau de domínio da escrita e da leitura. [...] parece razoável imaginar, como projeto, que a escola se proponha como objetivo que os alunos, aos 15 anos de vida e 8 de escola, escrevam, sem traumas, diversos tipos de texto (narrativas, textos argumentativos, textos informativos, atas, cartas de vários tipos etc. [...]) e leiam produtivamente textos também variados: textos jornalísticos, como colunas de economia, política, educação, textos de divulgação científica em vários campos, textos técnicos (aí incluindo o manual de declaração do imposto de renda, por exemplo) e, obviamente, e com muito destaque, literatura. [...]

Todos os que falam sabem falar

[...]

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. [...] Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua. As crianças, por exemplo, não estudam sintaxe de colocação antes de ir à escola, mas, sempre que falam sequências que envolvem, digamos, um artigo e um nome, dizem o artigo antes e o nome depois [...]

Resumidamente, pode-se dizer que saber uma gramática é saber dizer e saber entender frases. Quem diz e entende frases faz isso porque tem um domínio da estrutura da língua. [...]

[...] a escola de fato não ensina língua materna a nenhum aluno [...]. A escola recebe alunos que já falam [...].

Sabemos o que os alunos ainda não sabem?

[...] não é necessário estudar gênero, número, concordância etc., a não ser quando os alunos efetivamente erram e naqueles casos em que erram. [...] Por exemplo: é provavelmente uma enorme perda de tempo ensinar a alunos de primeiro grau que existem diminutivos e aumentativos, para, em seguida, solicitar que efetuem exercícios do tipo "dê o diminutivo de", "dê o aumentativo de". [...]

Veridiana Scarpelli/ID/BR

Em resumo, parece razoável ensinar apenas quando os alunos erram, exatamente como fazem os adultos com as crianças. Se os alunos usam estruturas como "os livro", que essas estruturas sejam objeto de trabalho; mas se nunca dizem "vaca preto", para que insistir em estudar o gênero de "vaca"?

Ensinar língua ou ensinar gramática?

[...] o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. [...] conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. [...] saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. [...]. Para dar um exemplo óbvio, sabe evidentemente mais inglês uma criança de três anos que fala inglês usualmente com os adultos e outras crianças para pedir coisas, xingar, reclamar ou brincar, do que alguém que tenha estudado a gramática do inglês durante anos, mas não tem condições de guiar um turista americano para passear numa cidade brasileira.

[...]

Falar contra a "gramatiquice" não significa propor que a escola só seja "prática", não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades [...].

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Vocabulário de apoio

primeiro grau: designação dada anteriormente ao ciclo que hoje corresponde ao Ensino Fundamental

metalinguagem: linguagem usada para falar sobre a própria linguagem

Texto 2

CÓPIA

Gramática e ensino

Quem lida com o ensino da gramática na escola sabe que uma língua histórica (como a portuguesa, a inglesa, a alemã, a italiana etc.) é um conjunto de sistemas [...]. De modo que nenhum falante conhece *toda* uma língua histórica, mas sim usa uma variedade *sintópica* (um dialeto regional), *sinstrática* (um nível social) e *sinfásica* (um estilo de língua). [...]

[...] a rigor, cada modalidade da língua [...], ou, em outros termos, toda *língua funcional* [...] tem a sua *gramática* como reflexo de uma técnica linguística que o falante domina e que lhe serve de intercomunicação na comunidade a que pertence ou em que se acha inserido.

[...]

No fundo, a grande missão do professor de língua materna [...] é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação [...].

[...]

Em vista disto, não se pode, a rigor, fazer uma descrição linguística de uma língua histórica em sua plenitude; a descrição só pode abranger [...] uma língua funcional.

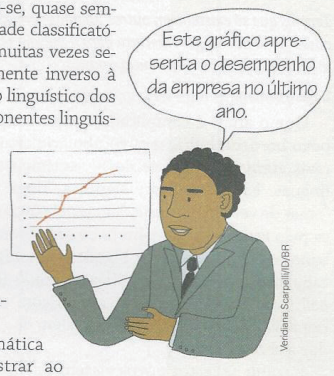
[...]

A não consideração desses fatos [...] tem permitido certa crítica injusta à gramática escolar, que é vista como a descrição da *própria* língua em sua *totalidade* histórica, como a descrição do *único* uso possível da língua. O ensino dessa gramática escolar, normativa, é válido como ensino de uma modalidade "adquirida", que vem juntar-se (não contrapor-se imperativamente!) a outra, "transmitida", a modalidade coloquial ou familiar. [...]

Educação linguística e sistema educacional

[...]

O currículo tradicional, que se põe em execução com vistas à educação linguística, se mostra, em geral, na prática, *antieconômico*, *banal*, *inatural* e, por isso mesmo, *improdutivo*. Antieconômico por ensinar aos alunos fatos da língua que eles, ao chegarem à escola, já dominam, graças ao saber linguístico prévio [...]; banal, porque o tipo de informações que são subministradas aos alunos nada ou pouco adiantam à capacidade operativa do falante, limitando-se, quase sempre, a fornecer-lhes capacidade classificatória, e [...] inatural, porque muitas vezes segue o caminho estruturalmente inverso à direção do desenvolvimento linguístico dos alunos, partindo dos componentes linguísticos não dotados de significação para os dotados dela; por exemplo, da fonética e fonologia para a morfologia e, depois, a sintaxe e a semântica. [...]



Verdiana Scarpelli/DBR

A linguística, a gramática escolar e o ensino da língua portuguesa

[...] [o ensino da gramática normativa] pretende mostrar ao falante como dizer isso e repelir aquilo para atender aos usos e seleções esperados de uma pessoa culta. É uma atitude modelar diante da língua, igual à que deve assumir ao se dirigir aos mais velhos ou ao sair de um elevador, por exemplo, entre outras "boas maneiras".

[...]

A língua portuguesa admitirá, por exemplo, construções como *há fatos / tem fatos / têm fatos / houveram fatos*, que se distribuem por línguas funcionais diferentes. Talvez na língua funcional que utilize *há fatos*, também se registre a regência *chegar a casa*, enquanto *chegar em casa* só apareça naquelas outras línguas funcionais onde ocorre *tem fatos /têm fatos / houveram fatos*. E assim por diante.

Desse modo, a glotodidática não pode, sem uma análise mais profunda, adotar como *normais* na gramática escolar "desvios" da chamada língua-padrão só pelo peso da sua frequência na chamada língua coloquial ou familiar.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1986.

Vocabulário de apoio

glotodidática: ensino e aprendizagem das línguas em todos os seus aspectos. O elemento *glot(o)-* entra na composição de palavras como *poliglota* e significa "língua"
imperativamente: de forma imperativa, autoritária
repelir: evitar
rol: lista, relação
subministrar: apresentar, expor

Debate

1. Em grupos, identifiquem a opinião de cada especialista a respeito das questões a seguir.
   a) O que a escola deve ensinar nas aulas de português?
   b) Os alunos chegam à escola conhecendo gramática ou a aprendem nas aulas de português?
   c) Qual deve ser a postura do professor quando os alunos usam estruturas em desacordo com a norma-padrão?
2. Os dois especialistas afirmam que há "tipos de gramática". Ambos se referem à gramática que todo falante domina naturalmente (a gramática internalizada); à gramática associada à norma-padrão (a gramática normativa); à gramática como a descrição do funcionamento da língua (a gramática descritiva). Que importância cada especialista dá ao ensino da gramática normativa? E da descritiva?
3. Você concorda com a opinião dos especialistas? Justifique, pois cada grupo exporá o resultado de sua reflexão.

A língua tem dessas coisas

CÓPIA

Tradução impossível

Embora a linguagem verbal seja um fenômeno comum a todas as comunidades humanas, certas palavras de alguns idiomas apresentam grande dificuldade de tradução para outros. É o que mostra o artigo a seguir, publicado na Revista *Língua Portuguesa*.

O mundo maravilhoso da palavra intraduzível

Termos que só existem em outros idiomas revelam que cada língua possui uma abordagem distinta para a mesma realidade, mas suas diferenças podem ser apenas aparentes

Edgard Murano

Que o amor é complicado, ninguém questiona. Mas o povo boro, da Índia, tem vocabulário aparentemente bem mais atento às nuances desse sentimento do que muitas línguas. Para eles, *onsay* significa "fingir amar"; *ongubsy*, "amar de verdade" e *onsia*, "amar pela última vez". Essa busca pelo específico também pode ser observada entre os albaneses, cuja fixação por bigodes (sim, bigodes) ganha vocabulário preciso e diversificado: *madh* (bigode espesso), *holl* (fino), *rruar* (raspado), *glemb* (com pontas afiadas) e por aí vai. São mais de dez tipos, além de 27 termos dedicados a sobrancelhas. [...]

É como se certos povos vissem e sentissem coisas e fenômenos a que outros não parecem atentos. No livro *Tingo: o irresistível almanaque das palavras que a gente não tem* (Conrad, 2007), o inglês Adam Jacot de Boinod compila termos e expressões de diversos idiomas, como rapanui, inuíte, alemão e japonês, cobrindo aspectos da experiência humana que os povos teriam em comum, mas a linguagem, nem tanto.

O autor defende que algumas palavras descrevem conceitos e sensações locais, e suas favoritas tendem a ressaltar um aspecto de uma cultura específica. Na variedade babélica de línguas, chama a atenção a capacidade de determinados vocábulos sintetizarem ideias complexas, peculiares.

É o caso de *iktsuarpok*, que em inuíte (idioma da nação indígena inuíte, da região de Québec, Canadá) significa "ir muitas vezes à porta de casa para ver se a pessoa vem vindo"; ou do termo holandês *plimpplampptletteren*, "fazer uma pedra chata ricochetear na superfície da água o maior número de vezes possível"; e até da palavra-título *tingo*, que em rapanui (idioma polinésio da Ilha de Páscoa, território chileno ao sul do Pacífico) é "pedir emprestadas uma a uma as coisas da casa de um amigo até não sobrar nada".

Jonathan Nackstrand/AFP

O alemão Elmer Weisser reage ao ganhar o 1º lugar do Concurso Mundial de Barba e Bigode em Trondheim, na Noruega, 2011.

Intraduzibilidade

A rigor, situações como essas existem em muitas culturas, mas é a maneira como se cristalizaram em um único vocábulo que as tornaria tão especiais. A palavra alemã *Scheissenbedauern* dificilmente encontraria equivalente em nosso idioma, posto que significa "frustração de quando alguma coisa acaba não sendo tão ruim como se esperava".

[...]

Cada língua tem palavras "sem tradução", mas a experiência humana é comum a vários povos.

Revista *Língua Portuguesa*, São Paulo, Segmento, ed. 35, 12 maio 2008.

1. Retome os exemplos de palavras intraduzíveis apresentadas no texto.
   a) É possível afirmar que elas se referem a fenômenos ou situações reconhecíveis pelos falantes da língua portuguesa? Explique.
   b) Pode-se dizer que essas palavras são, de fato, intraduzíveis? Explique.
2. Por que, segundo o texto, as diferentes culturas têm vocábulos específicos, sem correspondentes em português, para expressar determinadas situações?
3. De que forma você explicaria as seguintes palavras para uma pessoa que não fosse falante nativa da língua portuguesa?
   a) tira-gosto
   b) cafundó
   c) embromar
   d) espírito de porco
   e) pau de sebo
   f) saudade
   g) jeitinho
   h) mau-olhado
4. Selecione cinco palavras e expressões típicas da sua comunidade falante (escola, círculo de amigos, cidade, região) que remetam a situações específicas e de difícil tradução para outras línguas ou grupos sociais. Depois dê o significado delas.

CÓPIA

Responda a todas as questões no caderno.

Língua viva — Papéis sociais e linguagem

Leia um trecho do conto "Famigerado", de Guimarães Rosa. Ele é narrado por um homem estudado que recebe em sua casa a visita de cavaleiros com "cara de nenhum amigo". O líder desse grupo se chama Damázio e é um homem muito perigoso. Damázio quer saber o significado de uma palavra dirigida a ele por um "moço do governo".

Famigerado

[...] — "Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmigerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...*?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

— "Saiba vosmecê que saí ind'hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe preguntar a pregunta, pelo claro..."

[...]

— *Famigerado?*

— "Sim senhor..." — e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões de raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo — apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. — *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

— "Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho..."

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

— *Famigerado* é inóxio, é "célebre", o "notório", "notável"...

— "Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"

— Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— "Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?"

— *Famigerado?* Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

— "Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?"

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

— "Ah, bem!..." — soltou exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: — "Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição..." — e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d'água. Disse: — "Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!" Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: — "Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não..." Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: — "A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca..." Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 15-16.

Vocabulário de apoio

arrenegar: renegar, manifestar desprezo
desagravar-se: reparar-se de ofensa ou insulto
empenhar: dar como garantia
exultante: cheio de alegria
famigerado: que tem muita fama; mal-afamado
indúcias: adiamento
inóxio: que não causa dano
interpelar: intimar a dar esclarecimentos
intugido: calado
prêambulo: conversa vaga, que não vai direto ao ponto
rudez: rudeza, falta de delicadeza, grosseria
torvar-se: irritar-se
vertiginoso: que causa intensa perturbação
vexatório: que causa vexame, vergonhoso
vilta/doesto: ofensa

Sobre o texto

1. Com base na variedade linguística utilizada por Damázio, descreva o seu provável perfil social. Justifique com um exemplo.
2. Localize e registre em seu caderno as expressões usadas por Damázio para buscar a colaboração do seu interlocutor.
3. Você acha que Damázio obteve aquilo que queria ao empregar essas expressões? Justifique sua resposta.

cópia

4. Releia o trecho abaixo.

> — Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?

a) Explique o que significa "linguagem de em dia-de-semana" no contexto do conto.
b) O que essa pergunta revela quanto à imagem que se tem do interlocutor e de quem a faz?

5. Considere os dois sentidos da palavra *famigerado* apresentados no *Vocabulário de apoio* da página 222.
a) Com qual dos dois sentidos é provável que o "homem do governo" tenha usado a palavra?
b) Qual foi o sentido apresentado pelo narrador-personagem a Damázio?

6. A pergunta de Damázio a respeito do significado da palavra *famigerado* representava uma ameaça ao narrador-personagem. Explique essa afirmação.

7. Damázio pede uma garantia de que a explicação sobre a palavra *famigerado* é correta. O doutor responde: "— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!..."
a) É possível afirmar que o doutor deu a Damázio a garantia que ele lhe pediu? Por quê?
b) Explique qual foi a estratégia usada pelo narrador-personagem para, sem mentir, convencer Damázio de que ser chamado de *famigerado* não era uma ofensa.

8. Que mudança de comportamento Damázio apresentou após ouvir a resposta do narrador-personagem?

9. Releia o trecho a seguir.

> Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída! Seja que de novo, por um mero, se torvava?

a) Nesse momento, o que levou o narrador-personagem a supor que Damázio poderia ter voltado a se irritar?
b) Com base nas falas posteriores de Damázio, o que ele quis dizer com essa afirmação?

10. Mesmo satisfeito com a explicação do narrador-personagem, Damázio ainda dá sinais de desconforto em relação ao episódio envolvendo a palavra *famigerado*.
a) Copie em seu caderno um trecho do texto que ilustre essa afirmação.
b) Em sua opinião, o que explicaria essa desconfiança de Damázio?

11. Considerando as respostas anteriores e pensando nos papéis sociais ocupados pelas personagens, conclua: quais eram as "armas" de Damázio? E as do narrador-personagem?

Daniel Araujo/IO/BR

ANOTE

Toda situação de interação humana envolve uma **relação de poder**, relacionada aos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Essa relação se manifesta de diferentes modos, no jogo da linguagem que se estabelece entre os sujeitos.

Hipertexto

Veja na parte de Produção de texto (**capítulo 32**, p. 370-371) como um usuário de uma empresa de transportes, ao escrever uma **carta de reclamação**, demonstrou sua insatisfação sem indispor-se com seu interlocutor e aumentou as chances de ser atendido.

Texto em construção

Imagine que sua escola organizará uma festa. Elabore dois modelos de **carta** com informações sobre o evento, um dirigido aos alunos (pedindo a colaboração deles para evitar transtornos para os vizinhos) e outro aos vizinhos da escola (desculpando-se antecipadamente por eventuais incômodos e informando sobre as medidas tomadas para evitá-los).

O boxe *Observatório da língua* da página 375 apresenta fórmulas textuais que podem ser usadas tanto para cartas de reclamação quanto para outras situações formais. Avalie quais, entre elas, podem ser adequadas a cada modelo que você vai produzir.

Após a elaboração dos textos, troque-os com um colega para que ele ajude a avaliá-los. Observe de que maneira os diferentes papéis sociais assumidos pelo produtor do texto em cada carta resultou em diferentes formulações para obter a colaboração de diferentes interlocutores. Faça os ajustes necessários e apresente o resultado final à sua classe.

cópia

Responda a todas as questões no caderno.

Em dia com a escrita — As aspas e a construção de sentidos no texto

Você já sabe que as **aspas** são utilizadas em um texto com diferentes finalidades. Vamos recordá-las.

I. Indicar o uso de **gírias**, palavras não dicionarizadas ou estrangeiras, **expressões populares**, etc.

II. Indicar **citações** de outro texto ou autor.

III. Realçar o uso de uma palavra no seu **sentido não usual** ou **irônico**.

IV. **Destacar** uma palavra ou expressão.

1. Relacione cada um dos exemplos de usos das aspas a seguir a uma das finalidades descritas anteriormente.
   a) Acabei descobrindo que João era meu "amigão". Na hora que mais precisei de ajuda, ele simplesmente sumiu.
   b) A palavra "famigerado" causou desconfiança.
   c) Ela se comportou como uma verdadeira "lady".
   d) Como disse Drummond, "Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?"

2. Agora, releia estes trechos retirados do conto "Famigerado". Neles, a fala da personagem Damázio está destacada em azul e a fala do narrador-personagem, o doutor com quem ele dialoga, em vermelho.

Trecho 1

— *Famigerado?*

— "Sim senhor..." e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões de raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo — apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. — *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu carecia noutro interim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intungidos até então, mumumudos. [...]

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

Trecho 2

— *Famigerado* é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"...

— *Famigerado*? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 15-16.

No trecho 1, além do travessão, outro sinal gráfico indica a fala da personagem Damázio. O mesmo não acontece na fala do narrador-personagem.

a) Que sinal é esse?

b) O que representa essa diferença visual na marcação das falas do narrador-personagem e de Damázio? Levante algumas hipóteses e debata com sua turma.

3. No trecho 2, o doutor explica o sentido da palavra *famigerado* por meio de outras palavras.

Pedro Hamdan/ID/BR

a) Por que a palavra *famigerado* está grafada em itálico?

b) Identifique a única palavra que não está destacada entre aspas e o seu significado. Se necessário, recorra ao dicionário.

c) Por que essa palavra não foi grafada entre aspas?

d) Considerando a necessidade do doutor em dar a Damázio uma explicação que não o provocasse ou ofendesse ainda mais, explique o uso das aspas nas palavras *célebre*, *notório*, *notável* e *importante* no trecho 2.

e) Uma vez que os sinais gráficos são típicos da língua escrita, e o diálogo que se trava entre o doutor e Damázio é falado, qual é a finalidade desses recursos gráficos no contexto do conto e a quem eles se dirigem?

cópia

4. O texto a seguir foi retirado do livro *Agosto*, do escritor brasileiro Rubem Fonseca. Leia-o prestando atenção ao emprego das aspas.

> Eram seis da manhã quando o telefone de Mattos tocou. "Sou eu."
> Silêncio.
> "Lembra-se de mim?" Alice.
> Apenas três anos haviam se passado.
> "Sei que você gosta de acordar cedo, por isso liguei a esta hora..."
> Era como se ele estivesse à beira de um abismo, prestes a cair. Três anos antes ele ligara para a casa de Alice, a mãe viera ao telefone e dissera que Alice não queria falar com ele, que não ligasse mais.
> Alice viajara para o exterior, passara seis meses na Europa. Na volta casara com um grã-fino, cujo nome ele não lembrava. Três anos.
> Na beira do abismo.
> "Gostaria de me encontrar com você. Tomar um chá. Que tal a Cavé? Ainda não fecharam a Cavé, fecharam?"
>
> FONSECA, Rubem. *Agosto*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 43.

a) Com que função as aspas são empregadas no texto?
b) Há outro sinal de pontuação que pode exercer a mesma função que as aspas desempenham nesse trecho. Qual é esse sinal de pontuação?
c) Embora o texto seja narrado em terceira pessoa, é possível perceber que o narrador tem acesso aos pensamentos e sentimentos mais íntimos da personagem Mattos. Em sua opinião, de que maneira o uso das aspas no lugar de outros sinais de pontuação contribui para esse efeito expressivo?

Acervo TV Globo. Fotografia: Luciana Leal/Agência O Globo

O livro *Agosto*, de Rubem Fonseca, foi adaptado para a televisão no formato de minissérie, em 1993. Na fotografia, a atriz Vera Fischer interpreta a personagem Alice.

5. O escritor português José Saramago, morto em 2010, foi ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1997. Leia um trecho de seu livro *Todos os nomes*, atentando para as falas das personagens.

> Quando acabei de falar, ela perguntou-me, E agora, que pensa fazer, Nada, disse eu, Vai voltar àquelas suas colecções de pessoas famosas, Não sei, talvez, em alguma coisa haverei de ocupar o meu tempo, calei-me um pouco a pensar e respondi, Não, não creio, Porquê, Reparando bem, a vida delas é sempre igual, nunca varia, aparecem, falam, mostram-se, sorriem para os fotógrafos, estão constantemente a chegar ou a partir, Como qualquer de nós, Eu, não, Você, e eu, e todos, também nos mostramos por aí, também falamos, também saímos de casa e regressamos, às vezes até sorrimos, a diferença é que ninguém nos faz caso [...]
>
> SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 197.

a) Como são marcadas as falas das personagens?
b) Compare esse procedimento com os outros recursos usualmente empregados para marcar as falas das personagens. Na sua opinião, qual é o efeito expressivo obtido pelo autor ao optar por essa maneira de registrar um diálogo?

ANOTE

As **aspas** desempenham diversas funções no texto escrito, tais como destacar palavras, indicar o seu emprego em um sentido diferente do habitual, demarcar citações ou falas de personagens e sinalizar o uso de metalinguagem (a linguagem como objeto de outra linguagem). Elas também podem contribuir para a produção de um efeito expressivo no texto. A substituição das aspas por outros sinais gráficos gera ainda outros efeitos de sentido.

Sétima arte

Ensaio sobre a cegueira
(EUA, 2007)
Direção de Fernando Meirelles

Miramax/Courtesy Everett Collection/LatinStock

Cena do filme *Ensaio sobre a cegueira*, baseado no livro homônimo de Saramago.

O filme, uma adaptação bastante fiel à obra literária de José Saramago, apresenta uma verdadeira alegoria sobre a condição humana e a vida em sociedade. Uma estranha e inexplicável epidemia atinge uma cidade, deixando todos os seus habitantes cegos, exceto a mulher de um médico.

CAPÍTULO

19 Da fala para a escrita, da escrita para a fala

O que você vai estudar

- Relações entre fala e escrita.
- As condições de produção do texto falado e do texto escrito.
- Os recursos expressivos próprios de cada modalidade.

Agimos e nos relacionamos por meio da **língua falada** e da **língua escrita**, mas raramente pensamos sobre a relação entre essas duas **modalidades** da língua. Não questionamos, por exemplo, qual delas nasceu primeiro; não nos damos conta dos recursos expressivos de cada uma; nem de qual é o papel e o prestígio da fala e da escrita em nossa sociedade. São essas questões que você vai investigar neste capítulo.

Quem nasceu primeiro, a fala ou a escrita?

- Na tira a seguir, a personagem Níquel Náusea recebe a visita de dois extraterrestres.

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*.

1. Como é representada graficamente a língua falada pelo ET?
2. No segundo quadrinho, que recursos não verbais o rato utiliza para se fazer entender?
3. No terceiro quadrinho, qual é o sentido da fala do ET? Que elementos nos permitem deduzir esse sentido?

No primeiro quadrinho, a fala do rato revela um lugar-comum das histórias sobre ETs. Mesmo sem conhecer a língua do visitante, o rato compreende o que ele diz, porque sabe que em histórias do gênero os extraterrestres, em seu primeiro contato com habitantes da Terra, normalmente pedem para ser levados até seu líder. No segundo quadrinho, elementos não verbais ligados à fala ajudam as personagens a se entender. No terceiro quadrinho, recursos gráficos relacionados à escrita, aliados ao contexto da tira, dão pistas ao leitor sobre o sentido da fala do ET. As personagens partilham conhecimentos – e o leitor também – que permitem atribuir sentidos ao que se ouve e lê.

A linguagem verbal se materializa por dois meios: o sonoro e o gráfico. Esses meios remetem a duas **modalidades** de uso da língua, a **fala** e a **escrita**.

É impossível situar com exatidão o momento em que o ser humano adquiriu a capacidade de vocalizar, ou seja, de emitir sons com a voz. Especialistas supõem, no entanto, que o surgimento da **fala** tenha ocorrido há cerca de cem mil anos.

No que diz respeito à **escrita**, parece lógico que a habilidade da **leitura** tenha precedido sua invenção, já que, por princípio, o objetivo de toda escrita é possibilitar a leitura.

Os **índices** talvez tenham sido os primeiros signos a mediar a relação do ser humano com a natureza. Por meio deles, nossos ancestrais aprenderam a "ler o mundo" para garantir sua sobrevivência, por exemplo, reconhecendo pegadas de animais que poderiam servir de alimento. Provavelmente a percepção humana sobre sua capacidade de ler sinais da natureza inspirou a criação de seus próprios **signos** gráficos. Isso ocorreu entre os anos 3400 e 3200 a.C., na região ao sul da Mesopotâmia denominada Suméria (Ásia). Assim, quase cem mil anos separam o provável surgimento da fala do nascimento da escrita.

Lembre-se

O **signo** é uma representação, um elemento que aparece no lugar de outro. **Índices** são signos cujo significado é construído com base em uma relação lógica aprendida na experiência humana.

CÓPIA

Fala e oralidade

A língua falada é aquela que a criança aprende primeiro, de maneira espontânea, em suas primeiras relações sociais. Por meio da fala, expressamos e constituímos a nossa identidade como sujeitos e como membros de determinados grupos sociais.

A **oralidade** diz respeito às práticas sociais que envolvem a fala. Nas cidades gregas da Antiguidade clássica, exercitavam-se as artes da retórica e da oratória, técnicas de persuasão por meio de elaborados discursos orais. Nas culturas de tradição oral, como as indígenas, os membros mais velhos transmitiam os conhecimentos de seu grupo social por meio de narrativas orais que preservavam a memória coletiva. Mesmo nas sociedades que contam com a escrita, a oralidade continua presente em todas as esferas da vida das pessoas: na esfera familiar, escolar, pública, profissional, etc.

A língua falada apresenta diversos recursos expressivos. A entonação e a modulação da voz, o ritmo da fala, os gestos e as expressões faciais, por exemplo, contribuem para a construção de sentidos do texto oral.

Dependendo da situação de produção, os textos orais podem ser criados coletivamente. Em uma conversa, por exemplo, os interlocutores alternam turnos de fala e reformulam e reveem posições a todo momento.

Escrita e letramento

A escrita não é aprendida espontaneamente. Alguns estudiosos defendem a ideia de que a criança, ao se apropriar do sistema de escrita alfabética, percorre etapas que se assemelham às que a humanidade percorreu ao criar a escrita.

A primeira representação gráfica usada pelo ser humano foi a **escrita pictográfica**, baseada em **ícones** chamados de **pictogramas**. Nessa escrita, o desenho de um sol representava o sol com base na **semelhança física**.

Com o tempo, os pictogramas passaram a ser usados para representar outros **conceitos**. O do sol, por exemplo, adquiriu o sentido de "dia", "calor". Em alguns casos, os traços dos pictogramas também foram simplificados, gerando outro tipo de representação gráfica: os **ideogramas**. Perdendo as principais semelhanças físicas com o objeto representado, os ideogramas se tornaram **signos convencionais** e deram origem à **escrita ideográfica**.

Em seu processo de representação gráfica, o ser humano passou, posteriormente, a usar uma **escrita alfabética**, em que **sons**, e não mais **conceitos**, eram representados. Nesse sistema, os signos que representam os sons são chamados de **letras**. Por possuir um conjunto relativamente pequeno de signos (o **alfabeto**), que podem ser combinados de muitas formas, a escrita alfabética é bastante econômica.

Nas chamadas **sociedades grafocêntricas**, mesmo quem não é alfabetizado apresenta algum grau de **letramento**, termo usado para referir-se à participação do indivíduo nas práticas sociais que envolvem a escrita. Esses graus vão desde a capacidade mais elementar de reconhecer os signos linguísticos e numéricos que indicam, por exemplo, o destino de um ônibus até os usos mais sofisticados da escrita, como escrever um livro.

A escrita também conta com recursos expressivos específicos. Além dos sinais de pontuação, determinantes para o encadeamento lógico do texto, os parágrafos exercem uma função organizadora, e os destaques em negrito e itálico ajudam a indicar ênfases. Em determinados gêneros, como as histórias em quadrinhos, o tamanho, a cor e o tipo de letra também dão pistas sobre o estado emocional e as intenções das personagens.

ANOTE

A **oralidade** diz respeito às práticas que envolvem a fala. O **letramento** diz respeito à participação do indivíduo nas práticas que envolvem a escrita.

Hipertexto

Conheça algumas qualidades de um bom produtor de textos orais formais em contexto público na parte de Produção de texto (**capítulo 30**, p. 356).

Paló Zuppani/Pulsar Imagens

Pintura rupestre no Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI), um exemplo de escrita pictográfica. Fotografia de 2010.

Sétima arte

Central do Brasil (Brasil, 1998)
Direção de Walter Salles

Dora trabalha na estação de trem Central do Brasil redigindo cartas ditadas por pessoas que não sabem escrever. É lá que conhece o menino Josué, cuja mãe morre atropelada, deixando-o sozinho. O sonho de Josué é conhecer o pai, e Dora decide acompanhá-lo nessa busca. Nas cenas iniciais do filme, os clientes ditam a Dora as cartas que desejam enviar. Percebe-se que todos conhecem o gênero carta e respeitam suas características; eles mostram, portanto, algum grau de letramento.

Europa Filmes; Fotografia: ID/BR

Fernanda Montenegro como Dora, personagem de *Central do Brasil*.

Vale saber

Sociedades grafocêntricas são aquelas centradas na escrita, em que o texto escrito aparece em várias situações sociais, cumprindo papel significativo. Em contraponto, nas **sociedades ágrafas** não existe registro escrito da língua.

CÓPIA

Duas modalidades, uma língua

Leia os dois textos a seguir.

Texto 1

Revista – Qual é o seu método de trabalho? É sistemático? Tem horários, disciplina? Trabalha todos os dias? Recolhe-se? Viaja para ter sossego?

Chico – Quando escrevo um livro, trabalho sem parar, até dormindo. Às vezes, viajo para ter sossego, às vezes, fico por aqui mesmo, mas mando dizer que estou na fazenda, embora não tenha fazenda.

Revista – Alguns autores começam a escrever e não sabem o que vai acontecer depois. [Dizem] Que a história se conduz sozinha. Era o que dizia Georges Simenon. Como é no seu caso?

Chico – Quando começo a escrever sei exatamente o que vai acontecer depois. Só que depois acontece outra coisa.

Revista – Rascunha, desenvolve a ideia primeiro na mente ou faz um esboço escrito? Ou escreve diretamente ao computador, sem escalas?

Chico – Escrevo rascunhos, esboços, ideias esparsas, no computador ou em qualquer papel ao alcance da mão. Quando o livro já está encaminhado, escrevo no computador, imprimo, leio, risco, rasuro, anoto, volto ao computador, imprimo, leio e assim sucessivamente. Reescrevo tudo inúmeras vezes.

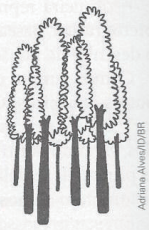
[...]

A dupla vida de Chico. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, Segmento, n. 8, jun. 2006.

Texto 2

Cientistas de três universidades americanas desenvolveram um tipo de dispositivo eletrônico ultrafino, um *chip*, que se dissolve depois de instalado. [...] O processador usa camadas extremamente finas de condutores feitos de substâncias como silício e magnésio. Mas, em vez de as camadas serem revestidas de materiais difíceis de serem reciclados, estão envolvidas num material que é resistente, mas é biodegradável: a seda. Isso permite que o *chip* se dissolva em água ou nos fluidos do corpo. Dependendo da composição, a seda pode se dissolver em dias, semanas ou até em anos. Nos testes de laboratório, o *chip* inserido em ratos cumpriu com sucesso o objetivo de controlar a aplicação de antibióticos e, dias depois, se dissolveu no organismo dos animais. A descoberta abre novas possibilidades em muitas áreas. Na medicina, por exemplo, *chips* poderão ser implantados para obter diagnósticos ou controlar a absorção de drogas e depois se dissolverão no corpo. Na natureza, esses processadores temporários poderão medir o impacto de desastres ambientais, como vazamentos de petróleo. Na área tecnológica, telefones e computadores se tornarão mais fáceis de reciclar, já que dentro deles os *chips* serão biodegradáveis.

Reportagem do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, veiculada em 27 set. 2012. Transcrição feita para esta edição.



Adriana Alves/ID/BR

O texto 1, trecho de uma entrevista com o cantor, compositor e escritor Chico Buarque, foi publicado em uma revista impressa, em meio gráfico. O texto 2, por sua vez, é a transcrição de um trecho de reportagem de um telejornal, que foi, portanto, veiculada em meio sonoro.

A entrevista é um gênero textual que, via de regra, é concebido em meio sonoro, na interação face a face de entrevistador e entrevistado ou, ao menos, via telefone. O resultado final da entrevista não é uma simples transposição do meio sonoro para o meio gráfico. O texto 1 já sofreu o apagamento de repetições, hesitações, reformulações, sobreposição das vozes do entrevistador e do entrevistado. É possível que respostas tenham sido agrupadas, palavras tenham sido trocadas, informações tenham sido apresentadas em ordem diferente.

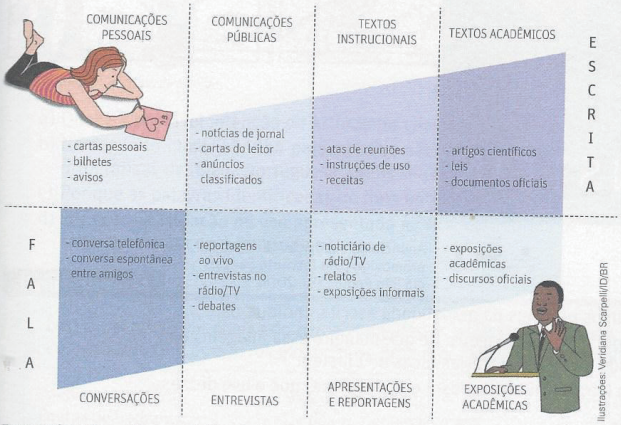
O texto 2 também não apresenta marcas de oralidade. Embora reproduzido sonoramente, ele foi concebido de forma escrita. Mesmo que a transcrição comportasse algumas características da maneira como o texto foi proferido (por exemplo, reproduzindo o prolongamento de vogais e consoantes, as pausas, o aumento no volume da voz, etc.), ele não apresentaria outras marcas típicas de um texto oral, tais como as hesitações, os truncamentos, as reformulações, os marcadores conversacionais.

Uma reportagem apresentada por telejornal ou uma entrevista reproduzida em revista impressa estão submetidas a condições de circulação semelhantes. Contam, cada uma em seu meio (sonoro ou gráfico), com um espaço determinado, que deve ser ocupado com dados relevantes, acessíveis e de interesse de seu público.

Os exemplos indicam que não há oposição entre língua falada e língua escrita. Nas diversas práticas sociais cotidianas, elas frequentemente se mesclam, se sobrepõem, apresentando condições de produção semelhantes e exigindo a mobilização de estratégias também semelhantes.

O *continuum* entre fala e escrita

Durante muito tempo, os estudiosos das relações entre fala e escrita defenderam que elas constituíam dois "sistemas" distintos. Hoje, com a ampliação do entendimento da língua como uma prática social de interação entre sujeitos, é consenso a ideia de que fala e escrita, essenciais a essa prática, são duas modalidades que não se excluem nem se opõem. Assim, podemos representar os gêneros textuais em um *continuum*, uma gradação, que revela aproximações entre eles nem sempre dependentes do meio (sonoro ou gráfico) em que são reproduzidos. É o que mostra o esquema.



Ilustrações: Veridiana Scarpelli/ID/BR

Esquema baseado em diagrama do livro de MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007. p. 41.

Na parte superior, observam-se gêneros produzidos em meio gráfico; na parte inferior, gêneros que se materializam em meio sonoro. Em cada coluna, os gêneros agrupados apresentam algumas semelhanças.

Uma consequência importante de pensar os gêneros orais e escritos em um *continuum* é desfazer o equívoco de associar a fala à **informalidade** e a escrita à **formalidade**. Um discurso oficial, por exemplo, tem de respeitar um alto grau de formalidade para transmitir credibilidade. Já entrevistas em rádio são mais espontâneas e buscam criar uma aproximação com o público ouvinte. Inversamente, um artigo científico exige formalidade, enquanto um bilhete para um amigo pode ser bastante informal.

Veja como o cartaz ao lado transita entre formalidade e informalidade para atingir o seu objetivo: persuadir os pais a levarem seus filhos menores de 5 anos para tomar vacina contra a poliomielite. Ao mesmo tempo que destaca a importância da vacinação, o cartaz também se aproxima de seu público-alvo, de forma a garantir a adesão à campanha. Assim, emprega-se um registro que apela para certo grau de informalidade ("Não dá pra vacilar. Mais uma vez, tem que vacinar." – note também o uso da redução *pra*, típica de oralidade), bem como para alguma formalidade ("Todas as crianças com menos de 5 anos devem tomar a segunda dose."). Com isso, articulam-se as duas finalidades do cartaz de campanha institucional: informar e persuadir.

Para além das semelhanças e diferenças entre fala e escrita, o que realmente importa é selecionar os recursos oferecidos pela linguagem para produzir textos adequados aos seus propósitos. Um falante competente sabe o momento certo de ser formal ou informal, seja na língua falada, seja na língua escrita. Além disso, transita naturalmente entre gêneros orais e escritos, realizando em seu cotidiano frequentes atividades de **retextualização**.

Vale saber

Retextualização é o processo de reformulação de um texto da fala para a escrita, da escrita para a fala, da fala para a fala ou da escrita para a escrita.

Hipertexto

Na parte de Produção de texto, o conto "De cima para baixo", de Artur Azevedo (**capítulo 25**, p. 314-315) é um exemplo de texto **escrito** que faz uso da **informalidade**, enquanto a comunicação oral "Nós não nascemos prontos", proferida por Mario Sergio Cortella (**capítulo 30**, p. 352-353), é um exemplo de texto **oral** em que o nível de linguagem é mais **formal**.

Ministério da Saúde/ID/BR

Cartaz da Campanha Nacional de Vacinação contra Poliomielite, veiculado em 2009.

Hipertexto

A **retextualização** é trabalhada na **reportagem** e no **resumo**, estudados na parte de Produção de texto. Na reportagem, adaptam-se depoimentos **orais** de entrevistados à modalidade **escrita** (boxe Observatório da língua, **capítulo 27**, p. 333); no resumo, um texto é adaptado para uma versão reduzida e simplificada (**capítulo 29**, p. 346-349).

Prática de linguagem

ATENÇÃO: não escreva no livro. Responda a todas as questões no caderno.

1. Observe o anúncio de uma exposição sobre Albert Einstein e o trecho em destaque, com parte do texto do anúncio.

Campanha publicitária criada pela Sociedade DDP em cima de imagem de Gustavo Rosa para a Exposição Einstein desenvolvida pelo Instituto Sangari.

"A curiosidade e a imaginação são mais importantes do que o conhecimento."

Anúncio da exposição "Einstein" promovida pelo Instituto Sangari em São Paulo (SP), 2008.

a) O anúncio faz uso de alguns recursos próprios da modalidade escrita. Indique-os.

b) A ilustração de Einstein foi feita por meio de colagens. De que maneira essa imagem contribui para a construção de sentido da frase "As várias faces de Einstein"?

c) A frase destacada foi escrita com letra manuscrita e está entre aspas. O que o uso desses recursos sugere para o leitor?

2. O texto a seguir é uma pequena crônica publicada em um livro infantil que retrata a conversa entre uma mãe e uma filha. Leia-o.

— Manhê, eu vou me casar.

— Ãh... Que foi? Agora não, Lívia... Não tá vendo que eu tô no telefone?

— Por favor, por favooooooor, me faz um lindo vestido de noiva, urgente?!

— Pois é, Carol. A Tati disse que comprava e no final mudou de ideia. Foi tudo culpa da...

— Mãe, presta atenção! O noivo já foi escolhido e a mãe dele já tá fazendo a roupa. Com gravata e tudo!

— Só um minuto, Carol. Vestido de... Casar?! Que é isso, menina, você só tem dez anos! Alô, Carol?

— Me ouve, mãe! Os meus amigos também já foram convidados! E todos já confirmaram a presença.

— Carol, tenho que desligar. Você está louca, Lívia? Vou já telefonar para o teu pai.

— Boa! Diz pra ele que depois vai ter a maior festança. [...] E diz para ele não esquecer: quero fogueira e muito rojão para soltar na hora do "sim, eu aceito". Mãe? Mãe... Manhêêê!!! Caiu pra trás... Mããããããe?!

Vinte minutos depois.

— Acorda, mãe... Desculpa, eu me enganei, a escola vai providenciar os comes e bebes. O papai não vai ter que pagar nada, mãe, acooooooorda. Ô vida! Que noiva sofre eu já sabia. Mas até noiva de quadrilha?!

BRAS, Tereza Yamashita; BRAS, Luiz. Conversa de mãe e filha. In: *Dias incríveis*. São Paulo: Callis, 2006. p. 17.

a) A crônica é um gênero textual que abrange uma grande variedade de formas e temas. Em geral, parte de uma situação cotidiana para produzir humor, revelar um aspecto social controverso ou conduzir a uma reflexão sobre a condição humana. Em qual dessas vertentes da crônica podemos situar o texto lido? Que recursos os autores da crônica usaram para obter esse efeito?

b) A crônica lida procura representar, em meio gráfico, uma conversação espontânea falada entre uma mãe e uma filha. Dê dois exemplos de recursos utilizados pelos autores para representar características próprias da oralidade. Explique-os.

c) Além de marcas de oralidade, a crônica apresenta ocorrências de **registro informal**. Aponte um exemplo desse tipo de registro e explique-o.

Adriana Alves/D/BR

CÓPIA

3. Leia a tira abaixo, com a personagem Arturzinho da turma do Xaxado, e responda às questões.

CEDRAZ, Antonio. *A turma do Xaxado*.

a) Qual é a provável intenção de Arturzinho com sua fala no primeiro quadrinho?
b) No segundo quadrinho, há palavras que não estão escritas de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa. Quais são essas palavras?
c) Por que as palavras identificadas no item anterior foram escritas dessa forma?
d) Por que, na situação de uso apresentada na tira, essa forma de grafar as palavras não é considerada um erro ortográfico?

Usina literária

Leia o trecho de um poema do cordelista Patativa do Assaré, em que o eu lírico comenta sua experiência com dois livros didáticos do professor Felisberto de Carvalho.

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá – O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá

Foi os livro de valô
Mais maió que vi no mundo,
Apenas daquele autô
Li o premêro e o segundo;
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,
Bastante me protegeu;
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Filisberto.

[...]

ASSARÉ, Patativa do. Aos poetas clássicos. Texto impresso em folhetos de cordel, s.d.

1. Que importância os livros do professor Felisberto de Carvalho tiveram na vida do eu lírico?
2. O eu lírico pede licença para, "mesmo sem português", falar sobre a sua experiência de poeta camponês. Comente essa afirmação do ponto de vista da variação linguística.
3. O poema registra características da variedade linguística dos falantes da cidade de Assaré. É possível identificar regularidades nessas marcas, ou seja, há um padrão de grafia para representar determinados sons da fala? Se sim, comprove com exemplos.
4. Observe os seguintes trechos: "O dedo do Papa", "Dá-me o dado, a fera é má". O que provavelmente o eu lírico julgava bonito nessas frases a ponto de se emocionar?
5. Ao longo deste capítulo, estudamos diversas características da língua falada e da língua escrita, demonstrando que elas não se opõem, e sim fazem parte de um *continuum*. De que maneira o poema de Patativa do Assaré ilustra essa afirmação?

Livros da série *O primeiro livro de leitura*, do professor Felisberto de Carvalho, publicados em 1892.

Folhetos de cordel.

Responda a todas as questões no caderno.

Língua viva — A retextualização do oral para o escrito

O uso da língua muitas vezes requer a reformulação de textos, a exemplo do que ocorre ao se transmitir a alguém uma informação dada por outro.

Imagine um funcionário dizendo a seu chefe: "Seu Carlos, falei para a secretária que preciso de um atestado justificando ausência no curso de inglês e ela me orientou que pedisse ao senhor". Aqui, o pedido feito em um primeiro momento para a secretária transformou-se em novo texto. Possivelmente a fala anterior foi algo como: "Bom dia, Isabel, você pode me atender? É o seguinte: fiz hora extra no último sábado e não deu para ir no inglês. Como as faltas lá são controladas, vou precisar de um atestado".

Nessa situação, um texto oral resultou em um texto também oral. Há, no entanto, casos em que um texto oral resulta em um texto escrito. Isso ocorre, por exemplo, quando se registra em ata o conteúdo de uma reunião.

Outras vezes, o ponto de partida é um texto escrito e o texto resultante é oral. Observa-se essa situação, por exemplo, quando uma pessoa conta a outra o laudo de um exame médico.

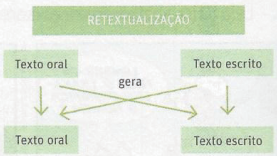
Um texto escrito também pode ser transformado em outro texto escrito: um resumo apresenta, de forma reduzida, o conteúdo de outro texto. Esse procedimento de transformação dos textos é chamado de **retextualização**.

A retextualização faz parte da produção linguística diária de qualquer falante. No entanto, o grau de consciência que um falante tem em relação às retextualizações que pratica é variável. Um aluno que reescreve a resposta de uma atividade e um jornalista que transforma uma entrevista em parte de uma matéria retextualizam de maneira pensada, monitorando sua atividade.

Leia, a seguir, a transcrição de parte da entrevista realizada no programa *Roda viva*, da TV Cultura, com a neurocientista Suzana Herculano-Houzel. Ela é professora da UFRJ e atua em projetos de divulgação científica. Nesse trecho, a entrevistada fala sobre a descoberta dos neurônios-espelho. O texto traz alguns sinais usados em transcrições (leia o boxe *Repertório*).

Suzana Herculano-Houzel: Eu acho que o que tem de mais fascinante no... são várias coisas fascinantes sobre os neurônios-espelho, né? Éh, como você falou, empatia, a/o aprendizado por imitação, você conseguir intuir a intenção do outro, repetir mentalmente o gesto do outro. Éh, uma das coisas que eu acho mais fascinantes, com o/a descoberta dos neurônios-espelho, é a gente notar que muita parte/é uma parte muito grande do/da nossa/do nosso relacionamento com os outros, né?, do/do trato social que a gente imaginava que fosse racional, que dependesse exclusivamente de valores culturais aprendidos, né?, transmitidos pela nossa história pessoal... éh, na verdade são respostas automáticas do cérebro. Quando você vê uma pessoa se machucar ou::... a/até sorrir, né?, o/a resposta automática do seu cérebro é imitar aquele gesto, é imitar aquela emoção, o que permite, é claro, que você sinta junto com a outra pessoa, que você sofra junto com a outra pessoa. É a base da empatia, é a base de/de colocar-se no lugar do/do outro, né? Mas eu acho que a/a implicação mais profunda ainda por trás de todas essas... éh:: o/o se colocar no lugar do outro, né?, é, é notar que isso acontece, quer você queira quer não. É claro que algumas pessoas são mais empáticas do que as outras, esse processo acontece mais/com mais facilidade, com mais rapidez, né? Até a imitação do bocejo, quando você vê uma pessoa bocejando, né?, e você boceja por imitação, a ideia é que o mesmo processo tá envolvido, e isso pega, digamos, mais facilmente em algumas pessoas do que as outras. Pega justamente, pega justamente com mais facilidade nas pessoas mais empáticas, né? Mas eu acho que essa... o/a gente descobrir que esse processo social, esse fenômeno social de contágio, né?, de empatia é uma propriedade automática do cérebro, eu acho isso fantástico.

Trecho do programa *Roda viva*, da TV Cultura, com Suzana Herculano-Houzel, veiculado em 17 mar. 2008. Transcrição feita para esta edição.



Repertório

Transcrição de textos orais

A produção de textos orais apresenta marcas bastante específicas, como pausas, hesitações, alongamento de sílabas, sobreposição de vozes, além de gestos e expressão facial dos interlocutores, auxiliares na produção de sentido. Ao se gerar uma versão escrita deles, boa parte dessas marcas se perde devido à impossibilidade de representá-las graficamente. Outras, porém, podem ser recriadas, usando-se algumas convenções próprias da escrita. Os sinais de pontuação, por exemplo, ajudam a representar a entonação da fala. Outros sinais gráficos têm função similar, como os que se encontram na transcrição da entrevista ao lado. Veja o significado deles.

...	Pausa
::	Alongamento (pronúncia mais demorada) de vogal ou de consoante
/	Truncamento (abandono de um começo de fala, recomeço de outro jeito)

Fernando Lemos/Editora Abril

A neurocientista Suzana Herculano-Houzel. Fotografia de 2007.

Vocabulário de apoio

empatia: sentimento de identificação de uma pessoa com os sentimentos ou com a situação de outra

trato: relação, convivência

Anexo 2 : Livro de 2 º do ensino médio

Articulando Gírias e jargões

Nos textos a seguir, discutem-se questões relativas ao vocabulário específico de alguns grupos sociais. O primeiro texto, escrito por um jornalista, aborda o jargão jurídico e reflete sobre uma campanha que propõe sua simplificação. O segundo, escrito por um linguista, discute aspectos relativos à gíria. Leia-os.

Texto 1

Veja o debate sobre a rebelião contra o idioma forense

[...]

A campanha [Campanha Nacional pela Simplificação da Linguagem Jurídica] tem a adesão integral de Hélide Santos Campos [...]. "Sou professora de linguagem jurídica há sete anos e durante todo esse tempo tenho mostrado aos meus alunos aquilo que é técnico, preciso, exato e aquilo que é desnecessário, supérfluo, arcaico, rebuscado, que não traz nenhuma contribuição ao texto em si." "No começo, tudo era muito polêmico. Hoje, com essa campanha, vejo que muitos juristas estão repensando o fato de a língua ser um código social vivo, que sofre alterações e que não pode parar no tempo."

Simplificar é preciso

[...] a opinião corrente é que a simplificação da linguagem jurídica não só é útil, mas também aconselhável. O busílis é como saber o ponto de equilíbrio entre simplicidade e precisão. "A linguagem técnica tem de ser exata", ensina o linguista, dicionarista e professor [...] Francisco da Silva Borba. "Ela não pode ser ambígua nem conotativa." Por isso, acredita, não há como escapar do tecnicismo. "A linguagem jurídica é opaca para o leigo, mas não para o profissional." A dificuldade de entendimento do cidadão comum não se restringe à área do Direito, lembra – tome-se como outro exemplo a Medicina, cujo jargão muitas vezes é incompreensível para quem não é do ramo.

[...]

Justiça e cidadania

Tornar a linguagem jurídica mais simples como forma de aproximar o Judiciário do cidadão brasileiro comum e contribuir para a prática da cidadania é um dos pressupostos da campanha da AMB [Associação de Magistrados Brasileiros]. Entre os que acreditam ser essa uma falsa premissa, está Eduardo Jardim. "Nem se diga que a cogitada simplificação aproximaria o cidadão da Justiça [...], até porque não é o cidadão que mantém relações com a Justiça, mas necessariamente e tão somente o advogado em nome de seu cliente [...]."

[...]

E, sendo assim, a campanha da AMB atira no alvo errado.

A charge ilustra a opinião dos leigos sobre o "juridiquês": extremamente prolixo e de difícil compreensão.

Simplificar é mesmo preciso?

Para a professora Hélide, o alvo está certo, sim, senhor: "É inegável que o mundo tem caminhado para uma comunicação rápida e eficaz, mas para muitos a linguagem jurídica parou no tempo", constata. "Por outro lado, reconheço que há uma enorme tendência à preguiça de pensar ou de escrever, talvez por conta dessa mesma comunicação informatizada e rápida que nos cerca. Por isso, é necessário buscar um caminho divisor, um meio de campo, e é isso que tenho buscado".

Já o professor Borba se inclui entre os céticos. "Deve-se combater o rebuscamento", convém. "Mas ele depende do usuário da língua, não está ligado ao fato de a linguagem ser jurídica. Faz parte do discurso de cada pessoa, está no uso do idioma. A meu ver, a campanha é inócua."

Eduardo Jardim compartilha da descrença. "A pretensa proximidade entre a cidadania e a Justiça não se faz com a coloquialidade da linguagem, mas com a qualidade da produção do Direito e com a celeridade da prestação jurisdicional [...]."

ARRUDÃO, Bias. Revista *Consultor jurídico*, São Paulo, 16 nov. 2005. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2005-nov-16/idioma_forense_encontra_resistencia_junto_populacao>. Acesso em: 4 jan. 2013.

Vocabulário de apoio

busílis: dificuldade principal na resolução de um problema
celeridade: rapidez
inócuo: incapaz de produzir o efeito pretendido

Cópia

Texto 2

Gírias saem da informalidade

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social.

[...]

Sendo um instrumento de agressividade no léxico, a gíria está mais ligada à linguagem dos grupos socialmente menos favorecidos ou de oposição a um contexto social. Ela pertence a um grupo e, por isso, seu estudo pressupõe, inicialmente, considerações a respeito das relações entre língua e grupo social.

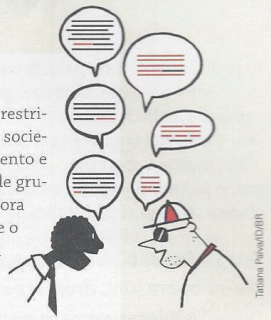
[...]

A língua é só uma entre outras formas de comportamento, um entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Quando esses comportamentos contribuem para a formação de uma consciência de grupo; quando os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de se autoafirmarem na sociedade, dizemos que essas marcas constituem signos de grupo. Por exemplo, a moda característica de grupos; a apresentação pessoal (maquiagem, cabelos etc.); o vocabulário gírio pelo qual se comunicam.

Força própria

No caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de gíria de grupo ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado ou pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, às diversões, aos esportes, aos pontos de encontro nos *shoppings*, à universidade; conflituosos ou violentos são os grupos comprometidos com as drogas e o tráfico, com a prostituição, o roubo e o crime, com o contrabando, o ambiente das prisões, entre outros.

Quando esses grupos sociais restritos, por meio de contato com a sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular, tornando-se o que costumamos chamar de gíria comum, ou, segundo estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular.



Tatiana Pavia/ED/BR

A gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não só entre as classes menos favorecidas ou os falantes jovens. Como vocabulário de grupo, surge também entre os diversos grupos sociais, desde que possa constituir marca identificadora deles.

Hoje, com a grande divulgação da informação, a gíria se vulgariza rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira, identifica-o com a grande mobilidade de costumes da época contemporânea. E, talvez por essa dinâmica, é que a gíria se tornou tão usada em nossos tempos.

Nos ambientes em que a escola atua mais decisivamente, a gíria tem reduzido a sua presença, pois os falantes procuram expressar-se mais dentro do vocabulário culto. Ainda assim, seria temerário afirmar que a gíria está ausente do vocabulário dos falantes cultos, embora estes estejam mais atentos à adequação entre sua fala e a situação de interação, o que faz com que se substitua o vocábulo gírio por um culto ou menos estigmatizado.

[...]

PRETI, Dino. Revista *Língua Portuguesa*, São Paulo, 27 fev. 2009.

Vocabulário de apoio

efemeridade: qualidade daquilo que é passageiro, que dura pouco
estigmatizado: condenado, criticado
gírio: que emprega gíria
vulgarizar: tornar conhecido, popularizar

CÓPIA

Debate

1. Em grupo, organize as ideias do texto 1, discutindo as questões a seguir.
   a) Por que existe a proposta de simplificar a linguagem jurídica?
   b) É possível fugir de um jargão jurídico? Por quê?
   c) Quais são os argumentos de quem não vê utilidade na campanha?
2. Em relação ao texto 2, converse com seu grupo sobre as questões a seguir.
   a) Com qual propósito a gíria é criada por um grupo?
   b) Socialmente, qual é a principal característica do grupo que emprega gíria?
   c) No que diz respeito ao tempo de vida da gíria, que característica a define?
3. Registre as conclusões do seu grupo sobre as questões a seguir. Elas serão apresentadas para a classe, em um plenário que o professor vai organizar.
   a) Que grupos você associa às gírias?
   b) Que semelhanças e diferenças há entre o jargão e a gíria?
   c) Qual tem mais prestígio social? Por quê?

Articulando Visões sobre a língua: gramáticos × linguistas

Os textos a seguir tratam das diferentes maneiras como a gramática e a linguística abordam o fenômeno da língua. Eles foram escritos por estudiosos da língua e extraídos da revista mensal *Língua Portuguesa*.

Texto 1

Como água e óleo

A diferença entre linguistas e gramáticos é mais ampla que o debate sobre noções de "certo" e "errado"

[...] Vou expor duas diferenças básicas entre o que fazem um linguista e um gramático, na (quase vã) esperança de esclarecer alguma coisa.

A primeira é que o linguista não caracteriza fatos linguísticos em termos de certo ou errado, nem a partir da autoridade de escritores ou da tradição. Classifica fatos como populares, regionais, cultos, literários etc., não como certos ou errados.

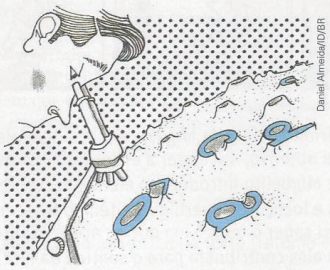
Um linguista observa fatos e tenta descrevê-los e explicá-los. E, como disse Saussure, tudo para ele é "matéria", o que significa que leva em consideração qualquer manifestação linguística (de analfabetos, crianças; antigas, atuais etc.), e não só as dos falantes cultos de um período vagamente definido. Para ele, a correção "linguística" é um valor social, que leva em conta, mas como questão social e submetida a regras de um tipo especial, similares às que governam a etiqueta.

Um gramático também observa e organiza fatos, claro, mas ele os coleta em textos definidos como "bons". E, mesmo neles, garimpa só o que serve a certa tradição, que é em parte gramatical e em parte associada à elegância, com base na autoridade dos escritores. Já o linguista procede à maneira dos físicos ou dos botânicos (entre outros): eles não corrigem as plantas ou as fases da Lua... A analogia vai adiante: um botânico até pode assessorar um paisagista (uma espécie de gramático): este define critérios para colocar ou não uma planta numa praça, e aquele poderá dizer se ela sobreviverá e em quais condições. Mas um botânico nunca dirá que uma planta é errada...

Uma diferença que decorre desta é que o linguista não só não diz que certas construções não são erros. Mostra que aí funcionam outras regras, e faz isso com base em fatos adequadamente observados e sistematicamente analisados.

Concordâncias

Um exemplo, simples, é o da concordância nominal: um gramático considera simplesmente um erro dizer "os livro". Um linguista dirá (e provará) que esta é uma variante da regra de concordância e pode ser encontrada na língua desde sempre, até em documentos bem antigos.



Daniel Almeida/ID/BR

Mas linguista, ao contrário do que se diz, não é gente que incentiva o uso de construções que a sociedade considera erradas – ou as defende. Especialmente, por duas razões:

a) porque a regulação social que impõe uma dada forma da língua em certos espaços também é um fato (como a gíria ou o calão);

b) se não tem preconceito contra falas populares, por que o teria contra formas eruditas?

Decorrência dessas posições é que nenhum capítulo sobre vícios de linguagem faria parte da gramática de um linguista: o regionalismo é só um fato, a cacofonia idem, a redundância é propriedade óbvia de toda língua, como o é a ambiguidade; o mesmo se diga da gíria, do calão ou do jargão: são fatos, que se explicam tanto estrutural quanto sociologicamente.

[...] as diferenças entre gramáticos e linguistas não se restringem à concepção de erro. Na verdade, a diferente consideração do que seja um fato da língua não se resume à inclusão no *corpus* de análise de dados legítimos. Diz respeito à caracterização dos fatos, a sua observação mais acurada. Para fazer outra analogia: trata-se de diferença similar à de usar telescópios para verificar como é a superfície da Lua ou dar-se por satisfeito com o que dizem os astrônomos antigos.

É preciso não só distinguir gramáticos de linguistas (e entender suas diferentes funções profissionais), mas distinguir gramáticos de autores de manuais do tipo "não erre mais". Esses manuais, independentemente de serem úteis ou necessários, não são gramáticas, e seus autores raramente fazem análises, contentando-se em copiar dicionários e (pedaços de) gramáticas, dos quais acabam transmitindo imagem equivocada, porque simplificada.

Possenti, Sírio. Revista *Língua Portuguesa*, São Paulo, Segmento, 3 jun. 2009.

Vocabulário de apoio

acurado: feito com muito cuidado
cacofonia: repetição de sons considerada desagradável ao ouvido
calão: fala ou vocabulário próprio de determinado grupo de pessoas
corpus: conjunto de documentos, dados e informações sobre determinado assunto
etiqueta: conjunto de regras do comportamento considerado socialmente adequado

Texto 2

A religião da Gramática

Campo da linguagem reproduz confronto similar ao que absorve a ciência e a fé

Tradicional

A gramática que estudamos na escola, com suas denominações (substantivo, adjetivo, verbo, sujeito, predicado etc.) e seu ímpeto legiferante, remonta a Aristóteles e a gramáticos como Dionísio de Trácia (séculos II-I a.C.), Apolônio Díscolo, Donato (ambos de I d.C.) e Prisciano (século V). Desde seu surgimento, a gramática se propõe a dupla missão de descrever e regulamentar a língua para garantir sua pureza, impedir sua corrupção e auxiliar as pessoas a bem falar e escrever.

Portanto, se uma de suas missões (descrever) a torna precursora das ciências da linguagem (embora a gramática tome como *corpus* de sua descrição a escrita culta, desprezando outras manifestações linguísticas), a outra (regulamentar) a aproxima da atividade legislativa, com a ressalva de que gramáticos não detêm mandato para legislar sobre o idioma. Já a preocupação dos gramáticos com o bem falar e escrever faz deles uma espécie de "estilistas" da língua, decidindo, à maneira dos consultores de moda, o que é elegante ou de mau gosto em matéria de expressão verbal.

Gramáticos

A rigor, qualquer um que publique um livro intitulado *Gramática* pode dizer-se gramático. Sua maior ou menor respeitabilidade dependerá da adesão que seu livro tiver pelos professores. No Brasil, até professor de cursinho com coluna em jornal ou rádio passa a ser considerado autoridade do idioma, não importa que ele não tenha produção científica.

[...]

Mas a principal crítica à gramática é a falta de fundamentação científica, pela ausência de comprovação empírica, escolha de amostras pouco representativas, quantitativa e qualitativamente, e pelo uso de método mais reflexivo-dedutivo do que observacional-indutivo.

Religiosidades

As "explicações" religiosas não se baseiam na lógica nem na experiência, mas em tradição e autoridade. Com o raciocínio gramatical, há o mesmo: um dado uso é correto simplesmente porque o eminente Fulano, em sua *Gramática* de antigamente, afirma que assim deve ser, já que os escritores Sicrano e Beltrano assim escreveram no século XIX.

[...]

Descompasso

Resulta disso um descompasso tão grande entre a gramática e o uso que fazem os falantes cultos quanto o que se verifica entre os mandamentos da Igreja e o comportamento moderno. E, como na religião, a gramática mais ortodoxa tem seguidores, para quem "a língua está se degenerando dia a dia", "ninguém mais sabe falar português" ou "já não se fazem mais escritores como antigamente".

Ao fim e ao cabo, a gramática, que deveria ser instrumento de racionalização da língua para a intercompreensão entre os falantes, acaba sendo o contrário: uma força que obstaculiza a simplificação e a modernização. O resultado? Um conhecimento estático, incólume de geração a geração.

Bizzocchi, Aldo. Revista *Língua Portuguesa*, São Paulo, Segmento, 7 out. 2008.

Vocabulário de apoio

empírico: baseado na experiência e na observação
incólume: inalterado
legiferante: que estabelece leis
ortodoxo: que segue os princípios tradicionais de uma doutrina

Debate

1. Após a leitura, procure identificar, com um colega, o posicionamento dos autores, considerando os seguintes aspectos: O que fazem os linguistas? E os gramáticos? Qual é a diferença entre um gramático e um autor de manual de gramática? Que ressalvas devem ser feitas ao trabalho do gramático e do linguista? Como cada área entende o erro e a correção linguística?
2. A sala deve se organizar em três grupos para o debate. O grupo A defenderá o papel da gramática; o grupo B, da linguística; o grupo C atuará como mediador e júri. Previamente, o grupo C deve definir as regras para o debate: quem o iniciará e o tempo para exposição, perguntas, réplicas e tréplicas. Um aluno desse grupo deverá ser o mediador. Os grupos A e B deverão elaborar a linha de defesa e as perguntas. Outros argumentos, além dos apontados nos textos, podem ser utilizados. É importante levar em conta os possíveis contra-argumentos.
3. Durante o debate, cada grupo deve expor seu posicionamento, sustentado por argumentos. Em seguida, os grupos farão perguntas uns aos outros.
4. Após o debate, o grupo C deve se reunir para definir o veredito e, logo depois, apresentá-lo ao restante da turma. Atenção: um veredito também é um posicionamento; logo, ao torná-lo público, o júri deve apresentar os argumentos que o sustentam.

A língua tem dessas coisas

Tumitinhas, virunduns e outros tropeços auditivos

Leia o trecho de uma crônica de Mário Prata em que ele comenta sobre alguns mal-entendidos da língua.

O amor de Tumitinha era pouco e se acabou

Daniel Almeida/ID/BR

Você também deve ter alguma palavra que aprendeu na infância, achava que tinha um certo significado e aquilo ficou impregnado na sua cabeça para sempre. Só anos depois veio a descobrir que a palavra não era bem aquela e nem significava aquilo.

Um exemplo clássico é a frase [...] HOJE É DOMINGO, PÉ DE CACHIMBO. Na verdade não é Pé de Cachimbo, mas sim PEDE (do verbo pedir) cachimbo. Ou seja, pede paz, tranquilidade, moleza [...]. E a gente sempre a imaginar um pé de cachimbo no quintal, todo florido, com cachimbos pendurados, soltando fumaça. [...]

Álibi – Quando eu era garoto, tarado por filmes de bandido e mocinho e gibis, sempre achei que ÁLIBI era o amigo do Mocinho. Claro, o Mocinho sempre tinha um Álibi e o bandido não. O Álibi, nos filmes, geralmente, era um velhinho. Mas resolvia. [...]

Sulfechando – Meu primo Hugo Prata um dia perguntou ao pai dele o que significava o verbo Sulfechar. O pai alegou que esse verbo não existia e teve que provar com dicionário e tudo. Como o garoto insistia em conjugar o verbo, o pai lhe perguntou onde ele tinha ouvido tal disparate. E ele disse e cantarolou aquela música do Tom Jobim: "são as águas de mar sulfechando o verão"... [...]

Tumitinha – Todo mundo conhece a música Ciranda-Cirandinha. Uma amiga minha me confessou que, durante anos e anos, entendia um verso completamente diferente. Quando a letra fala "o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou", ela achava que era "o amor de Tumitinha era pouco e se acabou". Tumitinha era um menino, coitado. Ficava com dó do Tumitinha toda vez que cantava a música, porque o amor dele tinha se acabado. E mais, achava que o Tumitinha era um japonesinho. Devia se chamar, na verdade, Tumita. Quando ela descobriu que o Tumitinha não existia sofreu muito. Faz análise até hoje. [...]

Virundum – O Henfil só depois de grandinho foi que descobriu que o Hino Nacional não se chamava Virundum.

PRATA, Mário. *100 crônicas*. São Paulo: Cartaz, 1997. p. 154-155.

1. Como se poderia explicar o fato de a amiga do cronista entender o verso "o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou" como "o amor de Tumitinha era pouco e se acabou"?
2. Segundo o autor, o cartunista brasileiro Henfil, durante muito tempo, achou que o nome do Hino Nacional era Virundum. O que teria motivado essa hipótese sobre o título do hino?

O cartunista Henfil (1944-1988) e o jornalista Paulo Francis (1930-1997) teriam, por volta de 1970, utilizado o termo "virundum" para se referir à maneira equivocada de os jogadores da seleção brasileira de futebol cantarem o Hino Nacional. Desde então, a palavra passou a nomear esses frequentes "tropeços auditivos".

Leia o trecho de uma notícia que trata do assunto.

O que é um *virundum*? A ideia não é nova lá fora, mas causa *frisson* agora na internet brasileira o *blog* Virunduns [...]: letras de música que entendíamos errado quando éramos crianças (ou não).

[...] O *blog* http://virunduns.blogger.com.br já conta com centenas de contribuições, que compõem um inventário de virunduns de várias épocas.

Já se percebe, por exemplo, que Djavan e os Paralamas do Sucesso são recordistas absolutos [...]. Djavan colabora com várias canções, mas "Açaí" ("açaí/guardiã/zum de besouro/ um ímã") bate todas. Há quem cante "ao sair do avião, um divisor, um limão", "uma irmã"...

Os Paralamas lideram com o trecho "Alagados, Trenchtown/ favela da maré", de "Alagados". Trenchtown vira "cristal", "central", "trens estão", "Flintstones", "Uzbequistão"; "favela da Maré" vira "na beira da maré", "favela do Avaré"...

Na contagem de comentários dos leitores sobre cada item postado, os três rapazes que comandam o *blog* celebram o clássico virundum de "tocando B. B. King sem parar" ("Noite do Prazer", do grupo Brylho). Ali, contabilizam quantas pessoas "trocaram de biquíni sem parar".

SANCHES, Pedro Alexandre. Novo *blog* espalha "virunduns" da MPB. *Folha de S.Paulo*, 18 abr. 2003. Ilustrada.

3. Formem grupos e façam um levantamento de outros "virunduns". Vocês podem consultar *sites*, *blogs* ou conversar com seus familiares. Lembrem-se de coletar também as versões originais das músicas. Para isso, consultem os encartes dos CDs e *sites* oficiais dos compositores ou intérpretes.
4. Após o levantamento, cada grupo deverá selecionar dois ou três "virunduns" mais interessantes. Em dia previamente combinado, os grupos deverão cantar os "virunduns" selecionados, desafiando a classe a citar a letra original.

Vestibular

ATENÇÃO: todas as questões foram reproduzidas das provas originais de que fazem parte. Responda a todas as questões no caderno.

(FGV-RJ) Texto para a questão 1.

Documento

Encontro um caderno antigo, de adolescente. E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento, descubro que eu só fazia literatura. Afinal, quando é que um adolescente já foi natural? E, folheando aquelas velhas páginas, vejo, compungido, como as comparações caducam. Até as imagens morrem, dizia Brás Cubas. Quero crer que caduquem apenas. Eis aqui uma amostra daquele "diário":

"Era tal qual uma noite de tela cinematográfica. Silenciosa, parada, de um suave azul de tinta de escrever. O perfil escuro das árvores recortava-se cuidadosamente naquela imprimadura* unida, igual, que estrelinhas azuis picotavam. Os bangalôs dormiam. Uma? Duas? Três horas da madrugada? Nem a lua sequer o sabia. A lua, relógio parado..."

Pois vocês já viram que mundo de coisas perdidas?! O cinema não é mais silencioso. Não se usa mais tinta de escrever. Não se usam mais bangalôs.

E ninguém mais se atreve a invocar a lua depois que os astronautas se invocaram com ela.

QUINTANA, Mário. *Na volta da esquina*. Porto Alegre: Globo, 1979.

*imprimadura: s.f. art. plást. 1 ato ou efeito de imprimar 1.1 primeira demão de tinta em tela, madeira etc.

1. Dos comentários seguintes, todos referentes a fatos linguísticos do texto, o único correto é:
   a) em "vejo, compungido, como as comparações caducam", ambos os verbos estão no presente, indicando uma ação pontual que ocorre no momento da enunciação.
   b) ao flexionar o verbo "usar" (L. 20), primeiro no singular e depois no plural, o autor preferiu a concordância com o complemento e não com o sujeito das respectivas frases.
   c) no último período do texto, o autor obtém efeito expressivo, ao empregar uma mesma palavra em acepções e graus de formalidade diferentes.
   d) se alterarmos a posição dos adjetivos nos trechos "simples anotações" e "velhas páginas", considerados no contexto, o sentido se mantém.
   e) no fragmento "sequer o sabia" (L. 16 e 17), a palavra sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, pelo advérbio "jamais".

2. (Ufam) Assinale a opção em que o verbo indicado nos parênteses **não** foi corretamente conjugado:
   a) O jardineiro da casa água as roseiras todos os dias. (aguar)
   b) É necessário que o novo governo remedie as injustiças. (remediar)
   c) Nunca se sabe de onde provêm tantos comentários maldosos. (provir)
   d) Mesmo não sendo necessário, o diretor interveio no caso. (intervir)
   e) Ele não se atém ao que foi indagado, tornando-se prolixo. (ater)

(Fuvest-SP) Texto para a questão 3.

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[*haute couture**
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas
[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável
[no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes

**haute couture*: alta-costura.

3. Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:
   a) indicativo; expressar verdades universais.
   b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
   c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
   d) indicativo; relacionar ações habituais.
   e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

(ESPM-SP) Texto para a questão 4.

Epigrama 2

És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir e, quando vens, não te demoras. Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo, e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa:
Fizeste para sempre a vida ficar triste:
Porque um dia se vê que as horas todas passam,
e um tempo despovoado e profundo persiste.

Cecília Meireles

4. Se as formas verbais (no Presente do Indicativo) dos dois primeiros versos exprimissem **ordem**, na mesma pessoa, teríamos respectivamente:
   a) sê, custa, vem, não te demores.
   b) seja, custa, vem, não se demore.
   c) sede, custai, vinde, não vos demoreis.
   d) sê, custa, venha, não te demoras.
   e) sê, custe, vem, não te demore.

Vestibular

ATENÇÃO: todas as questões foram reproduzidas das provas originais de que fazem parte. Responda a todas as questões no caderno.

(FGV-RJ) Texto para a questão 1.

Documento

Encontro um caderno antigo, de adolescente. E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento, descubro que eu só fazia literatura. Afinal, quando é que um adolescente já foi natural? E, folheando aquelas velhas páginas, vejo, compungido, como as comparações caducam. Até as imagens morrem, dizia Brás Cubas. Quero crer que caduquem apenas. Eis aqui uma amostra daquele "diário":

"Era tal qual uma noite de tela cinematográfica. Silenciosa, parada, de um suave azul de tinta de escrever. O perfil escuro das árvores recortava-se cuidadosamente naquela imprimadura* unida, igual, que estrelinhas azuis picotavam. Os bangalôs dormiam. Uma? Duas? Três horas da madrugada? Nem a lua sequer o sabia. A lua, relógio parado..."

Pois vocês já viram que mundo de coisas perdidas?! O cinema não é mais silencioso. Não se usa mais tinta de escrever. Não se usam mais bangalôs.

E ninguém mais se atreve a invocar a lua depois que os astronautas se invocaram com ela.

QUINTANA, Mário. *Na volta da esquina*. Porto Alegre: Globo, 1979.

*imprimadura: s.f. art. plást. 1 ato ou efeito de imprimar 1.1 primeira demão de tinta em tela, madeira etc.

1. Dos comentários seguintes, todos referentes a fatos linguísticos do texto, o único correto é:
   a) em "vejo, compungido, como as comparações caducam", ambos os verbos estão no presente, indicando uma ação pontual que ocorre no momento da enunciação.
   b) ao flexionar o verbo "usar" (L. 20), primeiro no singular e depois no plural, o autor preferiu a concordância com o complemento e não com o sujeito das respectivas frases.
   c) no último período do texto, o autor obtém efeito expressivo, ao empregar uma mesma palavra em acepções e graus de formalidade diferentes.
   d) se alterarmos a posição dos adjetivos nos trechos "simples anotações" e "velhas páginas", considerados no contexto, o sentido se mantém.
   e) no fragmento "sequer o sabia" (L. 16 e 17), a palavra sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, pelo advérbio "jamais".

2. (Ufam) Assinale a opção em que o verbo indicado nos parênteses **não** foi corretamente conjugado:
   a) O jardineiro da casa água as roseiras todos os dias. (aguar)
   b) É necessário que o novo governo remedie as injustiças. (remediar)
   c) Nunca se sabe de onde provêm tantos comentários maldosos. (provir)
   d) Mesmo não sendo necessário, o diretor interveio no caso. (intervir)
   e) Ele não se atém ao que foi indagado, tornando-se prolixo. (ater)

(Fuvest-SP) Texto para a questão 3.

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[*haute couture**
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas
[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável
[no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes

**haute couture*: alta-costura.

3. Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:
   a) indicativo; expressar verdades universais.
   b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
   c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
   d) indicativo; relacionar ações habituais.
   e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

(ESPM-SP) Texto para a questão 4.

Epigrama 2

És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir e, quando vens, não te demoras. Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo, e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa:
Fizeste para sempre a vida ficar triste:
Porque um dia se vê que as horas todas passam,
e um tempo despovoado e profundo persiste.

Cecília Meireles

4. Se as formas verbais (no Presente do Indicativo) dos dois primeiros versos exprimissem **ordem**, na mesma pessoa, teríamos respectivamente:
   a) sê, custa, vem, não te demores.
   b) seja, custa, vem, não se demore.
   c) sede, custai, vinde, não vos demoreis.
   d) sê, custa, venha, não te demoras.
   e) sê, custe, vem, não te demore.

Vestibular

5. **(UFRN)** Na oração "[...] definia-se o incêndio." [POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Fortaleza: ABC, 2006. p. 179], a forma verbal está na voz passiva. A opção de resposta que também apresenta verbo na voz passiva é:

a) "Fizeram-se investigações policiais discretas [...]"
b) "Bebe-se para esquecer, para lembrar [...]"
c) "O chefe reservou-se um objetivo ambicioso [...]"
d) "Os homens entreolham-se, cautelosos [...]"

(Segmentos textuais extraídos de: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.)

(Mackenzie-SP) Texto para a questão 6.

> A ameaça de uma bomba atômica está mais viva do que nunca. Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho. Agora uma boa notícia: a paz mundial pode estar a caminho. Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está bem menos sangrento do que já foi. Cerca de 250 mil pessoas morrem por ano em consequência de algum conflito armado. É bem menos do que no século 20, que teve 800 mil mortes anuais em sua 2ª metade e 3,8 milhões por ano até 1950.
>
> O que aconteceu? O psicólogo Steven Pinker diz que o aumento do número de democracias ajudou. Assim como a nossa saúde: como a expectativa de vida subiu, temos mais medo de arriscar o pescoço. Até a globalização teria contribuído: um mundo mais integrado é um mundo mais tolerante, diz Pinker.
>
> Revista *Superinteressante*

6. *Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho* (linhas 2 e 3).

De acordo com a norma-padrão, passando-se essa frase para a voz passiva analítica, a forma verbal correspondente será:

a) foram mortos.
b) estavam sendo mortos.
c) eram mortos.
d) matou-se.
e) morreram.

7. **(Ufam)** Assinale a opção em que há erro na conversão da voz passiva analítica na voz passiva sintética:

a) É necessário que sejam garantidos os direitos individuais.
É necessário que se garantam os direitos individuais.
b) Novas creches seriam construídas.
Construir-se-iam novas creches.
c) Têm sido adotadas medidas enérgicas contra a corrupção.
Tem-se adotado medidas enérgicas contra a corrupção.
d) Aqui outrora eram organizados vários campeonatos de xadrez.
Aqui outrora se organizavam vários campeonatos de xadrez.
e) Já teriam sido publicados os editais.
Já se teria publicado os editais.

8. **(UEPG-PR)** (Extraído do último capítulo de *Memorial de Aires*, de Machado de Assis)

> Há seis ou sete dias que eu não ia ao Flamengo. Agora à tarde lembrou-me lá de passar antes de vir para casa. Fui a pé; achei aberta a porta do jardim, entrei e parei logo.
>
> — Lá estão eles, disse comigo.
>
> Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava sentado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua, vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal podiam se consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos.

Assinale as alternativas em que o segmento destacado tem a mesma função morfossintática do vocábulo destacado em: LÁ estão eles, disse comigo.

a) Fui A PÉ; achei aberta a porta do jardim, entrei e parei logo.
b) Ao fundo, À ENTRADA DO SAGUÃO, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro.
c) ...continuei parado alguns segundos até que recuei PÉ ANTE PÉ.
d) Aguiar estava sentado AO PORTAL DIREITO, com as mãos sobre os joelhos.
e) Hesitei entre ir ADIANTE ou desandar o caminho.

9. **(Unicamp-SP)** Em transmissão de um jornal noturno televisivo (RedeTV, 7/10/2008), um jornalista afirmou: "Não há uma só medida que o governo possa tomar".

a) Considerando que há duas possibilidades de interpretação do enunciado acima, construa uma paráfrase para cada sentido possível de modo a explicitá-los.
b) Compare o enunciado citado com: *Não há uma medida que só o governo possa tomar*. O termo "só" tem papel fundamental na interpretação de um e outro enunciado. Descreva como funciona o termo em cada um dos enunciados. Explique.

Anexo 3 : Livro de 3 º do ensino médio

Responda a todas as questões no caderno.

Língua viva — Complementos verbais e variação linguística

Você vai ler agora um trecho do romance *Outsiders: vidas sem rumo*, da escritora estadunidense Susan E. Hinton. O livro retrata a vida de jovens de classe média baixa de Oklahoma (EUA), no fim da década de 1960. Eles são chamados de *greasers* (em português, "brilhantina"), pois usam brilhantina nos cabelos, além de jaquetas de couro e correntes. Seus rivais são os *socs* (abreviação da palavra inglesa *social*), garotos ricos que se vestem com camisa social.

A história é narrada por Ponyboy, o mais novo dos *greasers*. A seguir, Ponyboy e os amigos Dally e Johnny encontram duas garotas *socs* no *drive-in* (cinema em que se pode assistir ao filme de dentro do carro).

Fomos para as filas de assentos da frente, no lugar reservado para sentar. Não tinha ninguém lá, fora duas garotas que estavam sentadas bem na frente. Dally olhou para elas sem dar a mínima, depois foi andando pela passagem e sentou bem atrás delas. Tive uma sensação ruim, achei que ele estava preparando uma das dele. E tinha razão. Começou a falar alto para as duas garotas ouvirem. Começou mal e continuou pior. Dallas era capaz de falar as maiores sacanagens quando estava a fim e acho que estava, naquela hora. Senti as orelhas ficarem quentes. [...]

Se aquelas garotas fossem *greasers* eu não tinha ficado tão envergonhado, talvez até tivesse dado uma força ao velho Dallas. Mas aquelas duas garotas não eram do tipo da gente. Elas tinham um jeito chocante, roupas massa [...]. Deviam ter uns dezesseis ou dezessete anos. Uma tinha cabelo curto, escuro, a outra tinha cabelo vermelho comprido. A de cabelo vermelho estava ficando mordida, ou então apavorada. Sentou bem retinha, mastigando seu chiclete com toda força. A outra fingia que nem estava ouvindo o Dally. O Dally estava perdendo a paciência. Botou os pés no encosto da cadeira da ruiva, piscou o olho para mim e bateu o próprio recorde em matéria de dizer grosserias. Ela se virou e olhou para ele com um olhar frio.

— Tira os pés do meu assento e cala a boca.

Cara, ela era bonita. Eu já tinha visto ela antes, era a chefe da torcida lá da escola. Eu sempre tinha achado ela orgulhosa.

Dally só olhou para ela e deixou os pés onde estavam. — Quem é que vai me obrigar a tirar os pés?

A outra se virou e olhou para nós. — Esse aí é aquele *greaser* que trapaceia para o Slash J. de vez em quando —, disse, como se a gente não estivesse ouvindo.

Eu já tinha ouvido aquele mesmo tom um milhão de vezes: "*greaser... greaser... greaser*". Nossa, eu já tinha ouvido aquele tom vezes demais. O que que elas estão fazendo em um *drive-in*, sem carro, pensei, aí o Dallas disse: — Conheço vocês duas. [...]

— *Por favor*, deixa a gente em paz — disse ela. — Por que você não fica bonzinho e não deixa a gente em paz?

Dally riu, brincalhão. — Nunca sou bonzinho. Quer uma Coca?

Àquelas alturas ela já estava louca de raiva. — Eu não tomava nem que estivesse morrendo no deserto. Dá o fora, cara.

Dally só encolheu os ombros e saiu dali.

A garota olhou para mim. Eu estava meio apavorado de medo dela. Fico com medo de todas as minas legais, principalmente quando são *socs*. — Você também vai começar a nos perturbar?

Balancei a cabeça, de olhos arregalados. — Não.

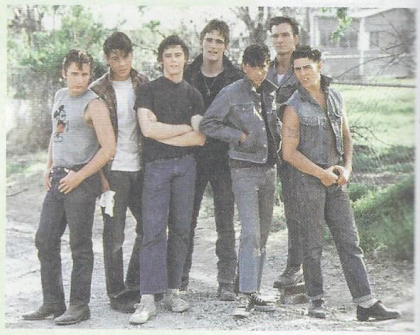
De repente ela sorriu. Cara, ela era bonita. — Você parece não ser o tipo, mesmo. Como é seu nome?

Eu queria que ela não tivesse me perguntado aquilo. Detesto dizer meu nome para as pessoas pela primeira vez. — Ponyboy Curtis.

Aí fiquei esperando pelo "Você está me gozando!" ou "Esse é o seu *verdadeiro* nome?" ou qualquer lance assim, que em geral me dizem. Ponyboy é meu nome verdadeiro e eu, pessoalmente, gosto dele.

A ruiva só sorriu. — Esse nome é superoriginal, uma gracinha. [...]

HINTON, Susan E. *Outsiders*: vidas sem rumo. Trad. Heloisa Jahn. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 26-29.



Fotografia de divulgação do filme *Outsiders: vidas sem rumo* (EUA, 1983), de Francis Ford Coppola, adaptação para o cinema do romance de Susan E. Hinton.

Sobre o texto

1. Enquanto Dally provoca as garotas *socs*, Ponyboy sente as orelhas ficarem quentes. O que esse fato revela a respeito da personalidade dele?
2. Ponyboy afirma que, se as garotas fossem *greasers*, ele talvez se juntasse a Dally na provocação. Por que o fato de as garotas serem *socs* deixou-o constrangido?
3. O que parece incomodar Ponyboy ao ser chamado de *greaser* por uma das garotas *socs*?
4. Releia.

> Eu já tinha visto ela antes [...] Eu sempre tinha achado ela orgulhosa.

a) Sintaticamente, que função a palavra *ela* exerce nas duas orações?
b) De qual destas formas você provavelmente se expressaria em uma situação de comunicação oral informal?
I. Eu a vi ontem.
II. Eu vi ela ontem.
III. Vi a ela ontem.
c) Qual delas está conforme a norma-padrão?
d) Qual é o efeito de sentido produzido pela adoção da forma observada no romance?

5. Releia dois trechos distintos do romance.

> — Eu não tomava nem que estivesse morrendo no deserto. Dá o fora, cara.
> [...] Cara, ela era bonita.

a) Quem são os interlocutores envolvidos em cada um dos enunciados?
b) Com base nesses dois trechos, a gíria *cara* tem um valor positivo ou negativo? Explique.

6. Observe as gírias presentes neste trecho.

> Elas tinham um jeito **chocante**, roupas **massa** [...]

a) Você conhecia essas gírias? Costuma utilizá-las? Indique o significado delas.
b) Diversos fatores determinam o fenômeno da variação linguística. Aponte pelo menos dois deles, exemplificando-os com a frase acima.

7. As personagens centrais do romance, os *outsiders*, são jovens pobres que fazem parte de um grupo marcado pela rebeldia. De que forma as escolhas linguísticas feitas pela autora contribuem para a verossimilhança da narrativa?

Tatiana Parvaf/D/BR

ANOTE

As **regras da norma-padrão** podem, muitas vezes, contrariar a **intuição linguística** dos falantes. Embora essa norma condene o uso dos pronomes pessoais oblíquos tônicos da terceira pessoa em posição de objeto direto (como em "Eu vi **ela**"), essa é uma forma bastante comum, usada inclusive nas situações informais de uso da língua por falantes considerados cultos.

Texto em construção

Você fará uma **entrevista** com um colega sobre o perfil do adolescente brasileiro hoje, retextualizando o texto para transformá-lo em um depoimento. Podem ser abordados temas como a relação com os pais e colegas, o modo como o jovem lida com situações de conflito, etc.

Consulte o capítulo 33 (seção *Produzir uma entrevista*, p. 346-347) e formule cinco perguntas objetivas. Se possível, grave a entrevista. Procure conversar com o entrevistado em vez de simplesmente ler as questões.

Registre por escrito os trechos mais interessantes, retextualizando-os. Articule as respostas, compondo um texto contínuo. Recupere as informações necessárias para a compreensão das falas do entrevistado. Preserve as marcas que revelam a identidade do falante.

Apresente seu texto ao entrevistado. Com base nas sugestões feitas por ele, reescreva-o. Apresente-o oralmente à turma e, com o professor, identifique os principais traços do adolescente de hoje nas entrevistas.